

Cobertura 3

*"Entrei na Igreja um dia e,
com o coração cheio de confiança,
perguntei a Jesus:
"Por que quiseste ficar na terra, em todos os pontos da terra,
na dulcíssima Eucaristia,
e não encontraste um modo, tu que és Deus,
de deixar também Maria,
a Mãe de todos nós que peregrinamos?"*

*No silêncio, parecia-me responder:
Não a deixei porque quero revê-la em ti.
Embora não sejas imaculada,
o meu amor te purificará,
e tu abrirás braços e coração de mãe
à humanidade, a qual, como outrora,
tem sede de Deus e da Mãe dele.
A ti, por hora, cabe aliviar as dores,
as chagas e enxugar as lágrimas
Canta as ladainhas
e procura espelhar-te nelas!"*

Chiara Lubich



Ano Santo da Misericórdia

**Sumário
julho - agosto de 2016**

VIDA ESPIRITUAL

- 194 Eleição do Superior geral
Padre Tomaž Mavrič
- 196 Carta de 15 de agosto de 2016
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral

200 Sessão Vicentina Internacional
A Filha da Caridade vive em Comunidade
Padre Patrick Griffin, cm

213 Sessão Vicentina Internacional
Nossa ética no uso da internet
Padre Fernando Castillo, cm

ATUALIDADES DA COMPANHIA

Nomeações

225 Nomeação de Diretores provinciais

Testemunho das Irmãs

226 Província da Eslováquia
Ser Filha da Caridade na Rússia (Omsk)
Irmã Antônia Lednicka, Filha da Caridade

Palavra dos pobres

230 Província da Bélgica - França - Suíça
Os pobres nos evangelizam
Irmã Solange Rault, Filha da Caridade

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

238 Província da América Central - Guatemala
Instruir os ignorantes
Filhas da Caridade e professores vicentinos - Chimaltenango

241 Província la Milagrosa Bogotá-Venezuela
A serviço das vítimas do conflito armado colombiano
Irmã Carmen Leonor Suarez Alba, Filha da Caridade

A CARTA MAGNA DAS FILHAS DA CARIDADE

247 Consagradas para “estar mais expostas”; Consagradas “para chegar a todos”...
“Claustro”
Padre Jérôme Delsinne, cm

251 Província de Fortaleza - nordeste do Brasil
Uma Comunidade em movimento de 1968 aos dias atuais (continuação)
Comunidade Êxodo

Eleição do Superior geral

No dia **5 de julho de 2016**, durante a 41ª Assembleia geral, os Padres da Missão elegeram como Superior Geral da Congregação da Missão para um mandato de seis anos:

O Padre Tomaž Mavrič

Vigésimo quarto sucessor de São Vicente de Paulo

que se torna pelo mesmo fato

Superior geral da Companhia das Filhas da Caridade

O Padre Tomaž nasceu na Argentina, seus pais são emigrantes da Eslovênia, numa época em que o país, (que então fazia parte da Iugoslávia), se tornara comunista após a Segunda Guerra Mundial. O Padre Tomaž fez seus estudos primários e secundários em Buenos Aires onde estavam os Padres Lazaristas eslovenos. No final dos estudos, entrou para a Congregação da Missão na Eslovênia. Fez seu Seminário interno em Belgrado na Sérvia, e entrou no Seminário em 1977. Foi ordenado Padre no dia 29 de junho de 1983 em Ljubljana, Eslovênia.

Foi enviado ao Canadá (10 anos), Eslovênia (3 anos), Rússia (4 anos), Irlanda (um ano de formação), depois de um ano no noviciado da Eslovênia-Eslováquia e, finalmente, Ucrânia (5 anos). Ele exerceu vários ministérios: vigário paroquial, missões populares, responsável pelas vocações, formador, diretor dos exercícios espirituais.

Em 2009, ele se tornou Vice-Visitador da Província de São Cirilo e Metódio (que compreende a Ucrânia, Bielorrússia e a Rússia).

Ele fala russo, espanhol, inglês e esloveno.

O Padre Tomaž será ajudado em sua missão por um Conselho geral composto pelo:

*** Vigário geral**

Padre Javier Alvarez da Espanha

*** Assistentes gerais**

Padre Aaron Gutierrez, ddo México

Padre Zaracristos, da Eritreia

Padre Matthew Kallamkal, da Índia

Padre Miles Heinen, dos Estados Unidos



Confirmamos ao Padre Tomaž Mavrič nossa oração e nossa profunda gratidão por ter aceitado esta nova responsabilidade. Agradecemos também ao Padre Gregory Gay pelos doze anos de devoção fraterna a serviço das Filhas da Caridade, de animação espiritual e de perseverança, trabalhando no desenvolvimento da família vicentina.

Carta de 15 de agosto de 2016

Queridas Irmãs,

“Hoje a Virgem Maria, Mãe de Deus foi elevada à glória do céu. Aurora e esplendor da Igreja triunfante, ela é consolo e esperança para o vosso povo, ainda a caminho...” (Prefácio da missa da Assunção de Nossa Senhora).

Unida a todas na meditação deste trecho do prefácio da missa de hoje, começo desejando-lhes uma excelente festa da Assunção de Nossa Senhora. Quero igualmente agradecer-lhes pelas inúmeras mensagens que recebi para este 15 de agosto, nas quais partilham o que estão vivendo e isto me encoraja. Ao ler cada uma delas senti uma grande alegria. Elas me fizeram rezar de maneira particular pelo radical engajamento da nossa vocação vicentina. Sou muito grata pelo testemunho credível que cada uma me dá, não somente a mim, como também a todos os que têm a oportunidade de encontrá-las!

A solenidade de hoje celebra Maria assunta ao céu em corpo e alma. Este apogeu corresponde a tudo o que ela viveu na terra e destaca sua relação pessoal com Deus. Nós, suas filhas, reconhecemos e veneramos nossa Santa Mãe como uma mulher de fé profunda que corajosamente se entregou para ser o santuário do Filho de Deus. Sem dúvida nenhuma, ela sempre apoiou e continua apoiando a missão de Jesus de fazer acontecer o Reino de Deus. A Virgem Maria é a discípula de Cristo por excelência! O Evangelho da Eucaristia de hoje nos lembra que Maria, sem hesitar, louvou a Deus por seu amor indefectível e sua misericórdia. Seu Magnificat, proclamado espontaneamente no início da sua caminhada como Mãe de Deus, resume sua espiritualidade, articulando sua aliança indissolúvel com Deus e sua confiança em sua solicitude para com ela e para com todos os que por Ele foram criados. Suas palavras não manifestam nenhum receio de que Deus lhe peça algo que a transcenda. Não há qualquer sinal de incerteza, apesar da reviravolta que Deus provoca em sua vida. Pelo contrário, seu Magnificat é um extraordinário hino através do qual Maria reconhece claramente que o Senhor é o centro de sua vida e a fonte de sua esperança para o futuro. Quando ela se volta aos outros, ela canta alegremente sua oração afirmando sua abertura a tudo o que Deus lhe pede. Maria me faz rezar, pedindo a graça de imitá-la nesta disponibilidade sem reserva: um maravilhoso presente que podemos oferecer ao Senhor!

Santa Luísa nos dizia que a melhor maneira de honrar a Santíssima Virgem é *“unir nosso espírito à intenção da Santa Igreja nas preces com que, em cada tempo litúrgico, a saúda”* (Santa Luísa de Marillac, E.68, pág. 899). Nossa fundadora nos encorajava também a *“rogar-lhe ...que nos ajude a oferecer a Deus o serviço que lhe prometemos e, a cumprir sua santa vontade com a mesma submissão dela”* (ibid).

Proponho que lembremos destes sábios conselhos para prosseguirmos, como Igreja, nossa celebração do Ano Santo da Misericórdia. Estou convencida de que ao longo destes meses, vocês pediram a Maria para guiá-las a fim de oferecer e acolher a misericórdia. De acordo com as suas partilhas, posso constatar todo o empenho que realizam para honrar Maria como a Mãe de Misericórdia e, como filhas da Igreja, repletas de fé, tentam imitar seu exemplo. Suas mensagens demonstram o quanto vocês reconhecem que a confiança mútua e a expressão de fidelidade na Anunciação refletem para nós a benevolência e o apoio fiel com que Nosso Senhor deseja nos cumular.

Em nosso mundo, particularmente em cada uma de nossas Províncias onde estão presentes aqueles que são massacrados pelo sofrimento, vocês são solidárias a todos servindo-os com respeito e sem falha. Oferecem aos pobres e aos feridos uma terna presença de cura: revelação do amor e da misericórdia de Deus. Vocês fizeram a experiência, não somente de pedir a misericórdia de Deus para si mesmas, como também em corresponder aos outros com esta mesma misericórdia. Além do mais, todas têm consciência de que outras pessoas podem ser canais da misericórdia de Deus. Que possamos continuar a imitar a abertura e a coragem da nossa Santa Mãe e ser como Maria, verdadeiras discípulas de Cristo! Assim sendo, poderemos através da nossa vida levar a esperança e o reconforto àqueles que temos o privilégio de encontrar.

Como todas sabem, nossa Família Vicentina se alegra com a eleição do Padre Tomaž Mavrič como Superior geral, durante a 42ª Assembleia geral da Congregação da Missão. Expressamos ainda nossa gratidão ao Padre Gregory Gay por tudo que recebemos através de sua presença nos últimos doze anos. Asseguramos ao Padre Tomaž nossa oração e nosso apoio indefectível em sua resposta a este chamado, para nos guiar na fidelidade ao nosso espírito vicentino e à realização da nossa missão na Igreja. Como talvez vocês já tenham observado no vídeo, em nosso site web internacional, o Padre Tomaž está muito agradecido pela nossa oração e o nosso testemunho; ele realmente deseja trabalhar numa grande união conosco. Hoje, o Padre Tomaž celebrou a missa na Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa e amanhã, visitará as Irmãs da Casa Mãe. Desde já, nós nos alegramos em poder celebrar com ele e com todos os membros da nossa Família Vicentina os diferentes acontecimentos que marcarão o aniversário de 400 anos do carisma vicentino.

Minha oração continua enriquecida pela meditação sobre o Encontro da Juventude Vicentina e da Jornada Mundial da Juventude celebrados no final do mês de julho, em Cracóvia. As reflexões do Papa Francisco, o testemunho de fé e o entusiasmo contagiante de tantos jovens tocaram-me profundamente. Muitas de vocês tiveram a alegria de estar diretamente envolvidas nestes encontros internacionais, seja enviando ou acolhendo os participantes. Gostaria de expressar a minha especial gratidão às nossas Irmãs das Províncias da Polônia que tão generosamente se dedicaram ao acolhimento dos participantes destes eventos. Estejam certas do meu reconhecimento a todos aqueles e aquelas que contribuíram para que estes dias fossem inesquecíveis!

No final desta carta, minhas Irmãs, gostaria de retomar o prefácio da Eucaristia de hoje. Esta oração fala da esperança e da orientação que a experiência da nossa Santa Mãe nos oferece como povo a caminho. Rezemos para que a Virgem Maria continue nos conduzindo em nossa resposta radical aos desafios presentes em nosso Documento Interassembleias.

Supliquemos-lhe que interceda por nós para seguirmos o seu exemplo e OUSARMOS participar ativamente na vinda de um mundo que testemunhe que a esperança e a paz são possíveis quando reinam o amor e o respeito mútuo. Peçamos à Maria que nos conceda as graças de que precisamos para resplandecer *“com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres”* (*Evangelii Gaudium*, 288). Reconheçamos com gratidão o dom da presença da nossa Santa Mãe em nossa vida. Que ela sempre nos oriente para nos doarmos inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, nossos irmãos e irmãs! (cf. C. 7a).

Com afeição e a certeza de minhas orações,

Irmã Kathleen APPLER
Filha da Caridade

Sessão Vicentina Internacional

“A Filha da Caridade vive em Comunidade”

Quando eu dava aulas para os seminaristas sobre o livro do Gênesis, sempre refletia com eles sobre a natureza da bondade. No começo, sabemos que Deus chamou todas as coisas à existência e tendo feito isso, Deus olhou cada coisa que fez e, como o texto diz, viu que tudo era bom; e, no final, viu que tudo era muito bom. Tudo que Deus faz é bom. Toda a realidade e todos os seres humanos fazem parte desta criação. Agora, pergunto-lhes: qual foi a primeira coisa que Deus disse que “não era boa”? Depois de Deus ter chamado todas as coisas à existência, ele disse que “não era bom” que o primeiro ser humano criado ficasse só, e então, Deus fez uma companheira para ele. A ideia fundamental não é simplesmente a complementaridade entre homem e mulher, mas a necessidade do homem ser uma criatura social. Não é bom para nós estarmos sozinhos, desta forma não estamos completos. É o outro que me ajuda a me conhecer, mostra-me o melhor e o pior de mim mesmo. O outro me ajuda a ver melhor os meus erros e minhas possibilidades e isto é uma coisa boa. Fomos feitos para viver em comunidade.

O Salmo 132 é um dos meus salmos preferidos sobre a vida comunitária, por causa da sua simplicidade:

“Oh, como é bom, como é agradável, para irmãos unidos viverem juntos! É como um óleo suave derramado sobre a fronte, e que desce para a barba, a barba de Aarão, para correr em seguida até a orla de seu manto. É como o orvalho do Hermon, que desce pela colina de Sião. Pois ali derrama o Senhor a vida e uma bênção eterna”.

O salmista insiste que não é somente uma coisa boa fazer parte de uma comunidade humana, já que dependemos uns dos outros, mas que isto é também agradável. Ele usa a imagem de um óleo caro derramado na cabeça e de um orvalho abundante regando a terra. A vida comunitária é uma bênção.

A comunidade humana é um dom de Deus e as comunidades religiosas devem ser sinais do Reino de Deus no qual os seres humanos são acolhidos e se sentem em casa. Nós antecipamos a alegria e a fraternidade do céu!

No documento *“Vida Fraterna em Comunidade”* (1994) a Igreja oferece uma bela reflexão sobre o valor e a importância da vida comunitária para os consagrados.

Começarei esta conferência a partir das três imagens tradicionais da vida consagrada: a Trindade, Jesus e os discípulos e a Comunidade em Pentecostes. Claro, eu usarei as Escrituras para esclarecer os desafios a enfrentar na vida comunitária.

1. A TRINDADE E O AMOR MÚTUO

A imagem principal de uma vida de unidade é a da Trindade, manifestação da vida divina em absoluta unidade e amor. No coração de Deus há uma íntima comunhão de pessoas unidas no amor. Esta é a primeira e fundamental imagem para a vida cristã. Pode-se apreciar como a igualdade das pessoas, o

propósito em comum e a comunhão da única natureza divina marcam o Deus trino e apresentam a imagem mais profunda da vida cristã em comunidade.

Esta disposição para estar em unidade e unir-se pelo amor mútuo é o centro da vida consagrada, embora seja um desafio real. Como lemos em *Vita Consecrata*, 14, a vida consagrada “*expressa de forma muito viva o caráter trinitário da vida cristã*”. Refletir sobre a natureza da Trindade nos convida a meditar sobre alguns aspectos da vida comunitária: igualdade, unidade e amor.

a) Igualdade dos membros

Na Trindade, as três pessoas divinas são iguais. Uma não é maior ou mais importante que a outra. Cada uma compartilha da mesma vida divina e de poder. Dentro de nossa comunidade, também precisamos ter um senso da igualdade entre todas as Irmãs. Algumas, claro, são chamadas a assumir tarefas específicas de responsabilidade, com um espírito de serviço e sempre de maneira temporária, seja em âmbito local, provincial ou geral.

Nós somos todas iguais na comunidade – embora seja preciso ter respeito às nossas Irmãs idosas e compreensão com as Irmãs mais jovens. Nossas diferentes origens, culturas e línguas não devem separar-nos, elas contribuem para a riqueza de nossa vida comum. Este sentido de igualdade deve caracterizar a maneira com que nós nos respeitamos. Escutemos São Vicente:

“Há muito tempo, venho desejando, e seria para mim grande consolo, que nossas Irmãs chegassem a tal extremo de respeito entre si, que as pessoas de fora não pudessem jamais perceber qual das Irmãs é a Irmã Servente” (São Vicente de Paulo, Doc. 442, Conselho de 19 de junho de 1647, pág. 526). Somos todas Filhas da Caridade para nos ajudarmos mutuamente na realização de nossa missão comum.

b) Unidas por um mesmo propósito

Nosso Deus trino trabalha em uníssono para a realização de um único objetivo com o qual cada pessoa divina contribui plenamente. Nós, também, trabalhamos juntas em vista de um objetivo comum: o serviço dos pobres. Buscamos atingir este objetivo juntas, cada Irmã contribuindo para isso conforme suas possibilidades. Juntas, vivemos, rezamos e trabalhamos. Como Irmãs, estamos unidas pelo mesmo carisma e um estilo de vida comunitário para apoiar-nos mutuamente. Valorizamos as contribuições de cada Irmã e mantemos nossos olhos fixos na finalidade comum, assumindo nossas decisões, orientações e sacrifícios.

c) Unidas pelo amor mútuo

À imagem da Trindade, estamos unidas por um amor mútuo. Nas reflexões teológicas sobre a Trindade, o Espírito Santo é o espírito do amor que une o Pai e Filho num amor trino. Para nós, não é simplesmente um objetivo comum ou uma tarefa que nos une, mas o amor que temos umas pelas outras. Em comunidade, aprendemos a viver juntas, a valorizar os dons e aceitar as limitações. Com afeição fraterna, podemos contar e cuidar umas das outras, com tudo que isso implica - durante a doença, o sucesso e as falhas. É o amor que temos umas pelas outras que torna possível e proveitosa nossa missão.

“A distância física não impede estar espiritualmente presente às pessoas a quem o Senhor uniu com o laço de seu santo amor e que se torna cada vez mais forte à medida que vai crescendo em nós. E foi

esse mesmo amor que vos fez, suavemente, escutar o chamado para o lugar ao qual vos dirigitis” (Santa Luísa de Marillac, C. 692: “À minha querida Irmã Carcireux”, 15 de setembro de 1659, pág. 731).

Em resumo, a importância da Comunidade para a Igreja e para os consagrados é destacada no caráter comunitário da Trindade - três pessoas divinas que compartilham uma natureza divina.

A igualdade das pessoas divinas prefigura a maneira de viver na comunidade: cada pessoa deve ser valorizada, respeitada e tratada como uma parte integrante do todo. O exemplo da Trindade oferece um maravilhoso estímulo para a vida Comunitária. No *Catecismo da Igreja Católica*, encontramos uma citação extraordinária de São Gregório Nazianzeno ao falar sobre a teologia da Trindade aos catecúmenos de Constantinopla:

“Antes de mais nada, conservai-me este bom depósito, pelo qual vivo e combato, com o qual quero morrer, que me faz suportar todos os males e desprezar todos os prazeres: refiro-me à profissão de fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo. Eu vo-la confio hoje. É por ela que, daqui a pouco vou mergulhar-vos na água e vos tirar dela. Eu vo-la dou como companheira e dona de toda a vossa vida. Dou-vos uma só Divindade e Poder, que existe Una nos Três, e que contém os Três de maneira distinta. Divindade sem diferença de substância ou natureza, sem grau superior que eleve ou grau inferior que abaixe [...] A infinita conaturalidade é de três infinitos. Cada um considerado em si mesmo é Deus todo inteiro.. Deus, os Três considerados juntos. Nem comecei a pensar na Unidade, e a Trindade me banha em seu esplendor. Nem comecei a pensar na Trindade, e a unidade toma conta de mim” (CIC, § 256).

2. JESUS E OS DISCÍPULOS

A imagem de Jesus andando nas ruas de Israel no primeiro século é, provavelmente, uma das imagens mais conhecidas por nós. Podemos imaginar Jesus, o Rabi, e este variado grupo de seguidores percorrendo as estradas e visitando aldeias enquanto conversavam, discutiam e questionavam uns aos outros. É uma imagem atraente e comum. Que lições esta imagem nos apresenta? Quais desafios nos convidam a considerar de uma maneira particular? Deixem-me identificar três: viver com um grupo diversificado, aprender umas com as outras e lidar com as dificuldades.

a) Viver com um grupo diversificado

A lista dos nomes dos discípulos oferece algumas dicas sobre sua diversidade. Alguns destes homens eram parentes; alguns eram de diferentes regiões; alguns tinham uma formação específica e competências profissionais, outros eram simples pescadores. Existiam diferenças de opiniões políticas; a cooperação de Mateus com as autoridades romanas como cobrador de impostos foi, provavelmente, um problema para Simão, membro do partido zelota. Alguns tinham, provavelmente, raízes profundas no mundo dos judeus gregos enquanto a maior parte vinha do mundo dos judeus hebreus. Jesus chamou todos estes homens para segui-los. Eles precisaram aprender a viver juntos.

Podemos pensar nas diferentes personalidades que aparecem em determinados momentos. A impetuosidade e disposição de Pedro em corrigir Jesus, assim como seu desejo de defendê-lo antes de fugir, nos falam muito sobre ele. Podemos imaginar a originalidade de sua personalidade. Tomé é apresentado como alguém que precisa de provas contundentes para crer na história depois da Ressurreição; Felipe fala com Jesus sobre a necessidade de ver o Pai; presume-se que o discípulo amado tem uma intimidade especial com Jesus; Tiago e João buscam lugares à direita e à esquerda de Jesus no

Reino. Judas, claro, questiona a sabedoria de usar um perfume caro para lavar os pés de Jesus e depois o trai. Os discípulos são, claramente, um grupo misto. Jesus aprende a lidar com eles e os encoraja a usar os dons de cada um. Jesus não chama simplesmente um tipo particular de pessoa para segui-lo, mas cada um traz suas próprias limitações e habilidades.

Certamente, é uma lição para nós com a diversidade de nossas comunidades e os dons que algumas Irmãs têm ou não. Aprender a apreciar os dons de cada uma e as maneiras como podem ser utilizados para o bem comum é importante. Também somos convidadas a realizar a missão de encorajamento que nos permite compartilhar os dons dos outros que precisam ser solicitados (No Novo Testamento a figura de Barnabé nos lembra esta importante tarefa de uma comunidade.). Algumas vezes é somente com o nosso encorajamento que uma Irmã descobre e exercita seus dons. Ser este tipo de pessoa para a comunidade é um verdadeiro dom para a outra e para a Igreja.

b) Aprender umas com as outras

Mencionei antes que o melhor meio de aprender a me conhecer é através do outro. Quando vejo a fraqueza no outro, posso começar a ver a possibilidade desta fraqueza em mim e a as diferentes maneiras como ela se manifesta. Quando eu vejo a força no outro, posso ver que isso é possível em mim também - que posso realmente fazer com dedicação e desejo. Vocês me mostram quem eu sou e o que posso ser. É uma das bênçãos da vida comunitária.

“É bom preparar os jovens, desde o início, para serem construtores e não somente consumidores da comunidade; para serem responsáveis um pelo crescimento do outro; para estarem abertos e disponíveis a receber um o dom do outro, capazes de ajudar e ser ajudados, de substituir e ser substituídos” (VFC, 24).

Podemos perguntar-nos o que foi que os discípulos aprenderam de Jesus. Eles eram sábios o suficiente para perguntar sobre a oração e ele lhes ensinou o “Pai-nosso”; em outros momentos, eles perguntaram sobre este ou aquele assunto. Todas estas oportunidades de aprender com Jesus devem ter sido especialmente valiosas para eles. Muitas vezes, somente depois, e com o dom do Espírito Santo, é que eles percebiam as implicações de alguns ensinamentos de Jesus, o que é normal. Muitos de nós só percebemos a importância de algumas lições depois de tê-las vivido por um tempo.

Com certeza, os discípulos aprenderam muito uns com os outros. Podemos imaginar os tipos de conversas que aconteceram entre eles enquanto refletiam sobre alguns dos ensinamentos e ações de Jesus. O Novo Testamento nos conta que eles ficaram intrigados com o que Jesus queria dizer com “ressurreição dos mortos”, que ficaram surpresos quando Jesus lhes contou que era difícil para um rico entrar no Reino dos céus, que discutiram entre eles sobre quem era o maior, que ficaram com raiva de Tiago e João que tentaram conseguir lugares especiais no Reino com Jesus. Quando Jesus perguntou aos discípulos quem o povo dizia que ele era e quem eles pensavam que ele era, Pedro respondeu; os outros discípulos, provavelmente, escutaram e aprenderam algo.

A verdadeira aprendizagem acontece juntas, umas com as outras numa comunidade de diálogo e partilha. Qualquer pergunta feita a Jesus, poderia ter sido uma das suas e qualquer resposta oferecida por Jesus pode também lhes ser dirigida. Pode ocorrer a mesma coisa conosco quando permitimos que as perguntas e as questões sejam dirigidas a nós e quando aprendemos uns com os outros.

A partilha das experiências de nossas Irmãs é muito enriquecedora: o que as ajudou a crescer, onde elas erraram, quando se sentiram especialmente abençoadas. Luísa compreendeu este princípio e o recomendou as suas Irmãs:

“Animai-vos umas as outras, e que os bons exemplos, que mutuamente vos derdes, façam mais do que poderiam realizar as palavras” (SL, C. 467: Às Irmãs de Angers, setembro de 1654).

“Renovai-vos, pois, minhas queridas Irmãs, em vosso primeiro fervor e começai pelo desejo sincero de agradar a Deus, recordando-vos de que Ele vos conduziu por sua Providência ao lugar onde vos encontras e vos colocou juntas para vos ajudardes, mutuamente, a adquirir a perfeição” (SL, C.115: Às Irmãs de Angers, 26 de julho de 1644).

Os discípulos aprenderam com Jesus e uns com os outros; isto deve ser real para nós também e um encorajamento para uma partilha de vida e histórias por um enriquecimento mútuo. Esta é uma verdadeira bênção para a vida comunitária.

c) Lidar com as dificuldades

Algumas das melhores lições que os discípulos aprenderam com Jesus surgiram das dificuldades que encontraram. Por exemplo, Pedro aprende alguma coisa quando começa a afundar ao desviar seus olhos de Jesus, enquanto caminha sobre as águas. Quando Tiago e João convidam Jesus a invocar o fogo do céu para destruir a cidade que os havia rejeitado e Jesus se recusa, eles aprendem algo. Quando Jesus expulsa os comerciantes do Templo e causa tumulto entre os líderes judeus, os discípulos aprendem alguma coisa. Quando os discípulos colhem trigo no sábado, quando Jesus toca os impuros, quando fala com a mulher estrangeira, quando come com os cobradores de impostos, quando lava os pés dos discípulos, quando convoca seus discípulos para alimentar a multidão faminta, etc.: tudo isso são experiências de aprendizagem que surgiram de discordâncias e mal-entendidos. Quando os discípulos passaram por estes acontecimentos, eles passaram a conhecer melhor a Jesus e uns aos outros.

Poderíamos continuar a lista das exigentes circunstâncias enfrentadas por Jesus e pelos discípulos e que nos ensinam muito. Na verdade, uma situação exigente traz sempre um importante aprendizado. A cruz faz parte disto, não há maior prova de amor do que este aparente fracasso.

E quanto a nós? Aprendemos a lidar com as situações difíceis com nossas Irmãs? Elas nos tornam mais sábias e gentis, mais compassivas e compreensivas? Elas nos ensinam sobre a misericórdia e o perdão e sobre nossa própria fraqueza?

As situações difíceis na missão nos tornam mais simpáticas com as pessoas que servimos, mais compreensíveis com elas devido às dificuldades que devem passar todos os dias? A experiência de comunidade, que nos foi ensinada pelos discípulos ao caminharem com Jesus e uns com os outros, é uma rica fonte de formação para nossa vida comunitária.

3. A COMUNIDADE CRISTÃ EM PENTECOSTES

A história da Igreja primitiva em Pentecostes é o terceiro exemplo frequentemente apresentado nos documentos da Igreja para ilustrar o caráter de uma comunidade cristã. Vocês se lembram que Jesus foi ressuscitado dos mortos e ascendeu ao Pai. A comunidade cristã, incluindo Maria, está agora reunida

esperando pelo dom do Espírito Santo que vem para enchê-los com a luz da graça e a presença íntima de Deus. Para esta imagem, eu vou sugerir três circunstâncias que instruem e desafiam aqueles que escolheram a vida consagrada: uma comunidade cheia do Espírito; uma comunidade eclesial e uma comunidade para a missão.

a) Uma Comunidade cheia do Espírito Santo

A Comunidade reunida para Pentecostes recebe o dom do Espírito Santo:

“Antes de ser uma construção humana, a comunidade religiosa é um dom do Espírito. De fato, é do amor de Deus difundido nos corações por meio do Espírito que a comunidade religiosa se origina e por ele se constroi como uma verdadeira família reunida no nome do Senhor” (VFC, 8).

Jesus tinha prometido este dom para a Igreja através dos discípulos:

“Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. É o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece, mas vós o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. (...) Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14, 16-17; 26).

Uma comunidade cheia do Espírito Santo é uma comunidade aberta que busca sempre novas maneiras de expressar e de viver a mensagem do Evangelho. Jesus disse aos seus discípulos que o Espírito lhes explicaria tudo o que Ele lhes tinha dito. Ser uma comunidade que possui e responde às moções do Espírito é uma bênção! Uma comunidade que se deixa transformar pelo Espírito conhece os seus limites e a sua necessidade de ajuda. Como os primeiros cristãos esperavam este dom do Espírito, assim nós devemos pedi-lo.

Conhecemos os dons que são associados ao Espírito: inteligência, sabedoria, conselho, fortaleza, entendimento, piedade e temor do Senhor. Está claro que toda Comunidade precisa destes dons para viver os valores cristãos. O Espírito capacita a comunidade para tomar boas decisões e para ser fiel à sua herança e, para aplicar os ensinamentos de Jesus em sua vida cotidiana.

b) Uma Comunidade eclesial

Nós nos reunimos como Igreja. Escutemos como a comunidade cristã cheia do Espírito de Deus é caracterizada: *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande coragem os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. Em todos eles, era grande a graça. Nem havia entre eles nenhum necessitado, porque todos os que possuíam terras e casas vendiam-nas, e traziam o preço do que tinham vendido e depositavam-no aos pés dos apóstolos. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade” (Atos 4, 32-35).*

O sentido de partilha e responsabilidade de uns para com os outros é ilustrado belamente nesta breve passagem. Podemos imaginar esta comunidade cristã como pessoas que tinham interiorizado tanto seu sentido de família que a necessidade de qualquer um era aceita como responsabilidade de todos. Esta imagem pode descrever nossas próprias comunidades. Queremos compartilhar nossas habilidades com

generosidade e não sermos tão possessivos com recursos particulares que se tornam nossos e excluem as legítimas necessidades dos outros. Isto é contrário ao desejo atual e comum de proteger-se contra as incertezas do futuro. Enfrentamos o futuro como uma comunidade com a intenção de administrá-lo juntas.

Esta comunidade eclesial é também descrita nos Atos dos Apóstolos numa extraordinária frase que descreve a Igreja Cristã: *“Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações”* (Atos 2,42). Cada um dos quatro elementos apresentados sugere como a vida da Igreja era sustentada e promovida. Deixem-me chamar sua atenção de uma maneira especial para o terceiro elemento: a fração do pão.

Este é o termo utilizado entre os primeiros cristãos para designar a Eucaristia. Desde o começo, o caráter da comunidade era definido pela maneira como ela se reunia para a Eucaristia: quem era convidado e quem era excluído, como Jesus era acolhido e louvado nesta simples assembleia. Atualmente, falamos dela como *“a fonte e o ápice”* de nossa vida cristã. Deve ser assim para nós e nossas comunidades. Ela deve ser o lugar onde celebramos nossa unidade e igualdade, o lugar onde temos fome e satisfazemos nossa fome de Deus.

“A vinda do Espírito Santo, primeiro dom aos que têm fé, realizou a unidade querida por Cristo. Infundido sobre os discípulos reunidos no cenáculo com Maria, deu visibilidade à Igreja que, desde o primeiro momento, se caracteriza como fraternidade e comunhão, na unidade de um só coração e de uma só alma (Cf. At 4, 32)” (VFC, 9).

c) Uma Comunidade para a missão

Os primeiros cristãos receberam um dom que os enviou em missão:

“Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceram-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos 2,1-4).

Muitos dos documentos da Igreja reconhecem que uma comunidade religiosa é uma comunidade para a missão:

“Lembrar que a missão apostólica está confiada, em primeiro lugar, à comunidade e que isso, muitas vezes, comporta também a direção de obras próprias do instituto. A dedicação a tal apostolado comunitário faz amadurecer a pessoa consagrada e a faz crescer em seu peculiar caminho de santidade” (VFC, 40d).

Os homens e as mulheres que compõem as comunidades religiosas preparam-se para o serviço aos irmãos. Para a primeira comunidade cristã reunida em Pentecostes, uma das maneiras de descrever esta realidade é o fato de falar em línguas: A proclamação do Evangelho começou.

A Companhia das Filhas da Caridade é uma comunidade apostólica, uma Comunidade para a missão em qualquer tempo e em qualquer lugar. É através dos seus serviços, de suas vidas e de sua proximidade com os pobres que testemunham a caridade de Cristo.

Os votos das Filhas da Caridade proclamam que elas se doam *“inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs”* (C. 7a). A Caridade em ação define e direciona a natureza do nosso carisma.

Conclusão

Os seres humanos são seres comunitários por sua própria natureza; fomos criados para vivermos juntos, somos feitos para viver em família ou em comunidade. A Igreja descreveu a característica destas comunidades e, particularmente, da vida consagrada, usando a imagem da Trindade, dos discípulos com Jesus e da Igreja primitiva depois de Pentecostes. Consideramos a riqueza destas imagens em termos de unidade e diversidade, aprendizado e crescimento, e também como partilha e ação. Enfatizamos a maneira como as comunidades são reunidas pelo amor mútuo que vai na direção do divino. Refletimos sobre o papel essencial do Espírito Santo na orientação das pessoas e das comunidades. A vida consagrada é fortalecida e renovada pelas pessoas que a abraçam juntas. O documento *Vita Consecrata* ensina:

“Para as pessoas consagradas, feitas “um só coração e uma só alma” (Atos 4,32) por este amor derramado nos corações pelo Espírito Santo (cf. Rm 5,5), torna-se uma exigência interior o colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e serviço caritativo: ‘Na vida comunitária, a energia do Espírito que existe numa pessoa, passa contemporaneamente a todos. Nela, não só se usufrui do dom próprio, mas este é multiplicado quando se participa aos outros, e goza-se tanto do fruto do dom alheio como do próprio.’” (VC 42).

Viver a vida comunitária é um desafio, mas sobretudo uma graça a ser acolhida. Rezamos hoje para que o Espírito que nos reúne em Comunidade nos dê o desejo e a habilidade para vivê-la bem e oferecer apoio às Irmãs com quem vivemos e também para os Pobres que servimos.

Padre Patrick GRIFFIN, CM

PADRE F. CASTILLO, CM

Sessão Vicentina Internacional

Nossa ética no uso da internet

**A formação da consciência e o discernimento
diante das novas tecnologias da comunicação**

Introdução

Para entrarmos neste tema, analisaremos, em primeiro lugar, o impacto e as transformações que a cultura digital provocou e continua provocando em nossa vida cotidiana, pessoal e comunitária. A Internet já não é mais uma opção, mas um fato, uma realidade de nossa vida. O desafio é aprender a vivermos como pessoas de fé nesta rede de conexões: *“cristãos na rede”*.

Em segundo lugar, apresentaremos a necessidade de assumir alguns critérios éticos e evangélicos que nos ajudem a viver com coerência cristã esta nova realidade. As novas tecnologias são uma oportunidade compatível com nosso modo de vida, em conformidade com nossa vocação e um desafio para transmitir o evangelho da caridade; elas são um novo ambiente no qual temos que “encarnar” o carisma da caridade. Neste sentido, o desafio é aprender a discernir entre a multiplicidade de respostas, aquelas que, para nós, são essenciais e irrenunciáveis.

A Internet causou um impacto social inquestionável. Já não há tempos mortos, nem tempos de desconexão. Estamos sempre conectados, ocupados em encontros virtuais, respondendo a e-mails, “alimentando” as redes sociais. É, realmente, uma revolução tecnológica que está determinando nosso modo de conhecimento da realidade e da nossa atuação no mundo.

Quando falamos das novas tecnologias e dos meios de comunicação social nos referimos a uma realidade muito ampla: computadores, digitalização da informação, comunicação via satélite, telefonia, redes de comunicação. Nesta reflexão nos concentraremos, de maneira simbólica, mas, ao mesmo tempo, concreta, no que todos nós chamamos de “Internet”, expressão paradigmática da cultura digital, “cibercultura”, a cultura que foi criada a partir das novas tecnologias. O mundo digital se converteu em uma extensão da vida cotidiana transformando de maneira sutil e silenciosa o nosso mundo e a nossa própria vida.

Contudo, esta nova cultura na qual “nos movemos, na qual vivemos e existimos” suscita alguns questionamentos e requer de nossa parte um olhar crítico e uma análise profunda. De que maneira esta realidade está contribuindo para um verdadeiro desenvolvimento humano? Quais critérios éticos temos diante das novas tecnologias? Que impacto elas estão causando em nossa vida pessoal e em nossa vida comunitária? As novas tecnologias estão sendo espaços de caridade, a serviço do bem comum? São um instrumento adequado para a evangelização e para a transmissão do carisma? Qual é o limite/fronteira das novas tecnologias? Quais são nossos próprios limites/fronteiras neste campo?

A cultura digital nos abre novas realidades, nos oferece grandes possibilidades, mas, ao mesmo tempo, gera certas dependências que podem afetar e prejudicar a pessoa. Não podemos assumir acriticamente a lógica da técnica, nem tampouco podemos aceitá-la exclusivamente segundo critérios de eficácia. Temos de reconhecer que vivemos num “mundo sem rumo” no qual a humanidade e o humano são questionados pela civilização tecnológica. Precisamos recuperar estes valores humanos para “encarná-los” na nova cultura digital.

A perspectiva moral a partir da qual abordaremos este tema, precisa se situar num horizonte mais amplo: a Internet é uma nova cultura, um desafio cheio de possibilidades, um dom. A formação da consciência moral é um aspecto imprescindível na formação integral da pessoa para poder viver “a caridade na verdade”, para tornar possível o encontro com Cristo no contexto digital. Não se trata de dar receitas, nem de nos fixarmos ou focalizarmos, cheios de desconfiança, nos aspectos negativos, nos riscos, sem aprender a discernir entre múltiplas possibilidades o que é realmente importante e aprender a viver nossa vocação nesta nova cultura. A Internet é um novo espaço para viver a fé e partir do qual podemos anunciar o Evangelho da Caridade.

Não podemos ignorar as mudanças e viver como se nada estivesse acontecendo, nem tampouco podemos converter a realidade digital em algo absoluto. É necessário valorizar o discernimento para captar o que vem de Deus e o que nos afasta do Evangelho, para discernir o trigo do joio, o que nos conduz ao egoísmo, à injustiça, à desumanização e o que nos conduz ao bem, à verdade e à beleza. A formação moral

nos faz tomar consciência da necessidade e da urgência de valores que, na era da tecnologia, preservem e protejam o humano como dom de Deus.

I - IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (NTIC) EM NOSSA VIDA

As novas tecnologias configuram nosso mundo. Esta nova rede de fronteiras indefinidas mudou a nossa vida. Navegar pela rede é o novo mar a ser sulcado numa rede interminável onde há uma infinidade de rotas possíveis. Vivemos como internautas extraviados, navegantes sem rumo porque perdemos o sentido de nossa existência e o sentido do ser.

É urgente buscar o sentido desta realidade nova, desta cultura nova que alguns chamam “digitalismo”, para que não nos conduza ao sem sentido desumanizador. Neste olhar crítico em direção à cultura digital, é preciso evitar cair num dos dois extremos: a tecnofobia e a tecnofilia ou tecnomania.

As novas tecnologias provocaram uma mudança social e uma mudança de mentalidade que influenciam todos os aspectos de nossa vida cotidiana. Os efeitos do computador, da implantação da telefonia móvel, alteram não somente o comportamento e a vida social, mas também os conteúdos de nossa forma de pensar. A cultura audiovisual substituiu a cultura do livro; estão se perdendo formas de saber e aumentam as mensagens por WhatsApp e chat (bate-papo). A sociedade está envolvida por esta “galáxia da Internet”, uma tecnologia que nos transformou e nos conduziu a terríveis paradoxos e, em algumas ocasiões, a círculos insuportáveis: fugas para mundos virtuais, aumento da desigualdade entre ricos e pobres, promessas carregadas de falsas ilusões. Redes de informação que podem facilmente converterem-se em redes de morte.

A busca de sentido desta nova cultura exige estar alerta diante dos novos ídolos de que nos falava Weber porque podemos transformar a técnica em tecnocracia e converter a “galáxia da Internet” num ídolo, numa nova religião de mercado; de fato, a tecnologia tem atributos “quase divinos”: é imaterial, imediata, permanente e planetária. Não podemos permanecer impassíveis diante do vento e das correntes porque os riscos são evidentes. A condição para que a tecnologia seja fonte de humanização é que esteja incondicionalmente a serviço da pessoa.

Temos dificuldade para distinguir entre o real e o irreal. Alguns falam inclusive da era da pós-realidade, considerando as experiências simuladas como experiências hiper-reais. Custa-nos distinguir estruturalmente o verdadeiro do falso. Alguns vão mais longe e se perguntam: “se a Internet é uma nova versão do ‘ópio do povo’ na qual os senhores do ar condicionam e alteram nosso modo simbólico de nos relacionarmos com a realidade, convertendo-nos em espectadores comprometidos com o processo de construção da realidade”.

O problema surge quando convertemos os meios em fins. O ritmo da técnica, a rapidez, a eficácia são bons, mas quando o instrumento se converte na medida do trabalho e ao invés de ser a ciência para o homem, é o homem que termina se submetendo à ciência e perdendo a realidade do humano, vivendo em uma espécie de mundo virtual. Precisamos encontrar uma saída por razões de dignidade e de sobrevivência. Para recuperar o sentido desta nova realidade e de sua finalidade precisamos de uma saudável antropologia na qual o homem seja sujeito desta nova cultura e não um mero objeto de consumo.

EFEITOS POSITIVOS

1- A Internet proporciona uma abundância impressionante de informação: permite-nos produzir, distribuir e utilizar informação digitalizada em qualquer formato. Segundo o estudo publicado por Martin Hilbert, na revista 'Science' de 2010, 95% de toda informação existente no planeta está digitalizada e, em sua maior parte, acessível na Internet e em outras redes informatizadas.

2 - A Internet aumenta a sociabilidade. A irrupção das redes sociais, onde já estão representadas todas as atividades humanas, que incluem relações pessoais, negócios, trabalho, cultura, comunicação, movimentos sociais e políticos, é a expressão desta nova sociabilidade. As redes sociais nos permitem criar um perfil, dentro de um sistema delimitado, ver e navegar numa lista de conexões. Em novembro de 2007, as redes sociais superaram, pela primeira vez, o e-mail em horas de uso. Em julho de 2009 já tinham maior número de usuários que o e-mail. Em setembro de 2010 alcançaram um milhão de usuários, a metade deles no Facebook. Em 2013 são quase o dobro, sobretudo, devido ao uso cada vez maior na China, na Índia e na América Latina. As redes sociais se converteram na plataforma preferida para todos os tipos de finalidade, não somente para se relacionar e conversar com os amigos, mas também para marketing, comércio virtual, ensino, criatividade cultural, meios de comunicação e lazer, uso médico e ativismo sociopolítico.

3 - Tudo isto gera uma nova realidade, um ambiente novo que chamamos de virtual, ainda que não esteja totalmente desconectado do mundo real. A Internet em si mesma não provoca isolamento, nem distância social. Há estudos que constataam que as pessoas mais sociáveis são as que usam a Internet. A Internet não é uma sociedade virtual, mas um mundo híbrido, bem real.

A Internet, igual a todas as tecnologias, não produz nenhum efeito em si mesma. Mas é evidente que a Internet se converteu no modelo de sustentação da organização social, que reúne o melhor e o pior do gênero humano, convertendo-se em nossa segunda pele, ainda que isto suscite alguns temores e receios.

EFEITOS NEGATIVOS. ALGUNS RISCOS

1 - "Homo videns", o homem fechado em si mesmo, compensando as carências de sentido, do mundo sem lar. A Internet turva nosso senso crítico e aumenta a distância entre a promessa da era da informação e a crua realidade. Hoje se fala do medo da solidão, um neurótico medo do silêncio, somos "solitários eletrônicos", pessoas que buscam a comunicação que não encontram em seu círculo de relação mais próximo.

2 - Passividade. Não basta estar conectado ou informado. A Internet pode ser uma grande livraria desordenada (Umberto Eco). O homem se vê reduzido a uma outra pessoa diferente do que poderia ou deveria ser. Ao invés de sermos interativos, nos faz interpassivos, abertos ao encontro com o outro, mas distanciando-nos dele.

3 - Individualismo. A Internet gera novos tipos de relações sociais sem a necessidade de um espaço físico; surge um novo espaço deslocado, o "ciberespaço". As relações on-line acentuam o individualismo, avivam o medo de estar isolado, provocam instabilidade psíquica e os vínculos humanos se enfraquecem. O uso excessivo dos computadores reduz o pensar ao processamento de uma informação.

4 - Divisão. Compartilhamos modos de vida e normas culturais, mas a Internet também gera uma divisão social entre os conectados e desconectados, entre os que têm acesso ao conhecimento tecnológico

e os que não têm. A chamada “exclusão digital” é uma forma de discriminação que separa os ricos dos pobres; “ricos em informação” e “pobres em informação”. O ciberespaço deve ser um recurso de informação e serviços acessíveis a todos.

5 - Deterioração das culturas tradicionais. As novas tecnologias da informação e a Internet, exatamente por serem instrumentos poderosos do processo de globalização, transmitem e ajudam a inculcar um conjunto de valores culturais - maneiras de pensar sobre as relações sociais, a família, a religião e a condição humana - cuja novidade e fascinação podem questionar e destruir as culturas tradicionais. As culturas têm muito a aprender umas com as outras e a imposição, em escala mundial, de pontos de vista e valores de uma cultura sobre a outra não significa diálogo, mas imperialismo cultural. A Internet, junto com outros meios de comunicação social, está transmitindo mensagens carregadas de valores da cultura secular ocidental, com tudo o que isso implica de perda da diversidade cultural e de empobrecimento.

6 - Uma cultura da superficialidade, ao invés de ter uma compreensão vertical, analítica e profunda da realidade, nós passamos a ter uma compreensão horizontal da realidade: concentração egocêntrica sobre si mesmo, a dimensão emocional das relações, a perda da objetividade, a perda do sentido ético e político da vida, a cultura do efêmero, a aparência, o imediato. Tudo isto coloca em evidência uma realidade: que a Internet (web) conecta e, ao mesmo tempo, separa.

Diante das contradições e ambiguidades da cultura digital, nós precisamos recuperar **um princípio moral** para uma humanização do desenvolvimento tecnológico, que dê um significado a esta nova realidade humana que altera o mapa simbólico do nosso mundo.

Não podemos conformar-nos ao uso das novas tecnologias de informação e de comunicação (NTIC), sem analisar como estas grandes mudanças estão afetando a nossa própria tradição, sem elaborar os conteúdos que fortalecem a nossa identidade. Precisamos viver com abertura, mas sem perder nossa identidade, uma identidade que se constrói na relação, no encontro com o outro, na singularidade de cada pessoa. Fomos feitos para a comunhão e para o encontro. Somos relação. O homem se torna pessoa na relação, onde ama e experimenta ser amado.

Temos uma responsabilidade para com o outro. Temos que navegar, ir para outra terra, com uma direção e um sentido, acolhendo o outro, que é o que nos humaniza e dignifica, o que nos ajuda a descobrir o sentido moral e a reconhecer sua dignidade como pessoa. “*Não só de Internet vive o homem*”.

II - COMO UTILIZAMOS A INTERNET? ASPECTOS ÉTICOS DA UTILIZAÇÃO

A sociedade de informação é uma oportunidade e um desafio. Nosso desafio consiste em refletir:

- Como ser um prolongamento da presença de Cristo em uma sociedade tão influenciada pelas NTIC?
- Como traduzir a fé para aproximá-la das pessoas que estão distantes dos contextos eclesiais e de nossa linguagem?
- Como podemos viver nossa vocação nesta cultura digital?
- Como nos situarmos na nova cultura digital?

- Como usamos as novas tecnologias de informação e comunicação? Devemos ficar atentos e efetuar um discernimento sobre a nossa maneira de usar a Internet.

A utilização da Internet não é algo indiferente às pessoas consagradas a Deus no serviço dos pobres. A rede pode ser bem ou mal utilizada. Nossa vocação dá um sentido, uma finalidade, uma orientação a tudo que fazemos e a todos os meios técnicos que utilizamos. O desafio é uma utilização ética da Internet evitando cair em certos riscos. O uso da Internet, como de qualquer outro meio a serviço da evangelização e do serviço dos pobres, tem que estar de acordo com o que somos, com nossa identidade, com nossa vocação, com a Companhia a qual pertencemos. Como comunidade orientada para o serviço dos pobres, temos que superar o uso orientado somente para o consumo e a gratificação pessoal. Temos uma missão, uma paixão a anunciar e podemos fazê-lo a partir do contexto da cultura atual, como fermento na massa, transmitindo uma mensagem, criando um caminho, promovendo a caridade, globalizando a caridade.

Não é somente aos conteúdos, que é preciso ter atenção, devemos também cuidar da forma, da maneira como usamos este instrumento, já que pode alterar a vida de comunidade, as relações pessoais e nossa vida pessoal. A Internet é uma teia de aranha que nos captura. Toda concentração sobre ela é nociva no plano humano e ético. Um bom uso implica utilizá-la com um determinado objetivo. Conectar-se sem objetivo é discutível do ponto de vista ético.

Fazendo um uso inapropriado, podemos nos tornar “dependentes da Internet” e realizar formas patológicas de navegação: buscamos emoções, vivemos de sensações, experimentamos facilmente identidades alteradas. A Internet aprofunda algo que já vem afetando a nossa vida: o individualismo. As novas relações on-line fomentam uma socialização condicionada a que podemos chamar um “individualismo em rede”.

Como o uso da Internet está afetando a minha vocação? Qual impacto a rede provoca na maneira de viver a fé? Como estamos utilizando este meio? Com que finalidade? Podemos utilizar a Internet, em primeiro lugar, para elaborar uma nova compreensão da fé? A Internet nos oferece informação e nos ajuda no crescimento e na formação pessoal, coloca-nos em comunicação com outras pessoas e realidades com facilidade, imediatamente, de maneira gratuita. Realmente, quantas possibilidades para a cultura e a formação! A rede permite conexões, favorece o contato com as pessoas, facilita nosso acesso a muita informação. A Internet gera uma dinâmica interativa que deveria ir contra a interioridade; a interatividade faz parte da vida interior.

Em segundo lugar a Internet tem um uso pastoral; é um meio de evangelização, um testemunho virtual do amor de Deus. É possível projetar uma presença evangelizadora e vocacional graças às redes sociais? Quantas coisas para dizer e quantas ocasiões para anunciar o amor de Deus, utilizando a Internet para comunicar! Como mensageiros enviados para anunciar aos pobres a Boa Nova, podemos elaborar uma lista de e-mails que façam chegar longe um comentário da Palavra de Deus, do dia. Podemos anexar uma imagem simbólica que ressalte a beleza da Palavra que explica às pessoas o amor de Deus, que compartilhe pensamentos de fé, convicções de caridade e desejos de esperança.

Estamos na rede para globalizar a caridade. A Internet é, para nós, um instrumento a serviço dos pobres. Precisamos colocar “alma”, significado e sentido no mundo virtual; é necessário limitar seu uso e o tempo que dedicamos para que não nos afaste da pessoa “real,” do encontro com o outro. Não podemos dedicar mais horas olhando a tela de nosso computador do que olhando para as pessoas com as quais

vivemos. Podemos utilizar a Internet para “colocar na rede” nossa herança carismática. Através da Internet, Cristo pode ser escutado, seguido em muitos contextos, lugares, periferias onde não há outro modo de chegar do que encarnando-se na própria cultura, no conteúdo e na forma.

III - CRISTÃOS EM TEMPOS DE INTERNET, VERDADE E AUTENTICIDADE

Num Congresso sobre as novas tecnologias, realizado no mês de abril, em Madri, Dom Celli lembrou aos participantes que o essencial é anunciar o Evangelho, evangelizar a nova cultura e viver como cristãos nesta nova realidade. A Internet não é simplesmente, um instrumento, mas **uma cultura**, um modo diferente de comunicação, expressão de doação, de amor a Deus e ao próximo.

A Internet atual é o âmbito humano, um novo contexto existencial que determina o modo de pensar, determina a vida cotidiana das pessoas; a rede estimula a inteligência, fomenta relações. A Internet inserida e integrada totalmente na vida, “introduziu o mundo digital dentro de nosso mundo ordinário”. A tecnologia “touch screen” faz parte de nossa vida cotidiana e expressa uma fusão entre o corpo e os instrumentos tecnológicos.

O desafio é viver como cristãos na Internet, “conectados”, presentes na rede para poder evangelizar a partir de dentro desta nova realidade. Não basta utilizar a Internet habitualmente, temos que assumir uma nova visão da tecnologia, a partir de uma perspectiva espiritual, isto é, descobrir que a Internet é um meio através do qual podemos viver a fé e não nos desconectar da vida.

A Internet não é somente um meio, mas é também o contexto no qual podemos viver e expressar a fé. Esta conexão de fé se expressa inclusive na linguagem. Utilizamos expressões como “salvar um arquivo” para expressar que queremos salvá-lo do esquecimento, de ser apagado. Falamos de “converter um arquivo” para dizer “passá-lo para um outro formato”. “Criar um contato”, para reiniciar uma relação interrompida. Para viver bem em tempos de Internet, precisamos repensar nossa fé a partir da rede, como uma realidade que afeta o crente na maneira de se compreender, influenciando sua fé e sua maneira de vivê-la.

As novas tecnologias são um reflexo de nossa participação no amor comunicativo de Deus. A Internet é um lugar para a doação, para o encontro pessoal. Deus, comunhão, comunicação nos chamam a aproximar-nos do outro, a deixarmos que o outro nos conheça. As redes não são um conjunto de indivíduos, mas um conjunto de relações entre indivíduos. As relações humanas não são um jogo, elas exigem tempo e conhecimento direto. É uma presença comprometida: comprometem nossa identidade. É surpreendente estabelecer relações on-line em detrimento de nossa família, conexões virtuais que se tornam obsessões e nos distanciam. A comunidade, nossas relações humanas não podem ser determinadas pela tecnologia. Numa sociedade líquida não podemos prescindir da proximidade.

É preciso que comecemos um novo tipo de presença cultural cristã: a “Internet” é uma metáfora que pode ajudar-nos a compreender a Igreja, um corpo vivo na medida em que todas as relações em seu interior estão vivas (cf. LG 6). A Internet é o lugar para a doação, um intercâmbio livre, um modo de doar-nos, de aceitar e deixar que os outros nos aceitem. É verdade que numa perspectiva cristã, o dom é muito mais que mero intercâmbio. O dom implica a relação pessoal, o compromisso e a reciprocidade.

Estamos presentes no mundo digital para dar testemunho e sermos testemunhas na Internet. As redes sociais são e podem ser portadoras da verdade, da fé, espaços de evangelização ainda que a

realidade virtual não substitua a experiência real, tangível e concreta da comunidade cristã. Alguns falam de “santos eletrônicos”, “curas on-line”, “devoção digital”. É verdade que não existem sacramentos na Internet - a liturgia não pode ser virtual - mas a rede é um espaço de experiência de oração, um espaço de experiências virtuais que expressam a necessidade de rezar do homem contemporâneo. O Papa Francisco falava recentemente da Internet como um serviço de uma cultura do encontro e apresentou a seguinte pergunta: *“Como se manifesta a ‘proximidade’ no uso dos meios de comunicação no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? (...) Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais (...) Precisamos amar e ser amados. Não basta mandar mensagens religiosas. O testemunho consiste na vontade de doar-se aos outros, estando disponíveis”. Os cristãos na Internet têm que ser como o “óleo perfumado” do qual se sente a fragrância e o “vinho bom” que provoca alegria para aproximar o homem de hoje de Cristo e transmitir-lhe a beleza de Deus. Como cristãos na Internet nossa presença é “óleo perfumado e vinho de qualidade”?* (Mensagem: Dia Mundial das Comunicações sociais, 1º de junho de 2014).

A partir de uma perspectiva cristã, nossa presença na Internet é chamada a levar:

- um sentido transcendente: a convicção profunda de que o Espírito de Deus nos move ao encontro, à comunicação, à transmissão da vida;

- uma perspectiva evangélica, crescer nos valores do evangelho para que o nosso testemunho seja coerente e significativo;

- um sentido missionário, de abertura ao mundo, aos outros, propondo com liberdade e a partir da esperança, um caminho novo com criatividade.

VERDADE E AUTENTICIDADE SÃO AS DUAS CHAVES ÉTICAS DO “MANUAL DE INSTRUÇÃO” PARA A UTILIZAÇÃO DA INTERNET

Autenticidade e coerência consigo mesmo para fazermos tudo para todos e viver na verdade, a partir da responsabilidade pessoal e do profissionalismo. Saber estar nos espaços digitais de maneira que sejam para nós, lugares que nos ajudem a viver a nossa espiritualidade. Precisamos de filtros, de decodificadores para poder detectar as respostas que dão sentido à vida, um decodificador de respostas. Estar na Internet respondendo ao desejo de transcendência que todo ser humano tem, dando pista, construindo pontes. O continente digital espera de nós uma presença visível, serena, à altura de nossa vocação e à altura da sociedade digital na qual vivemos. A Internet é uma experiência, um espaço de experiências. A vida mesmo é uma rede, um modo de viver em conexão.

Padre Fernando CASTILLO, CM

NOMEAÇÕES

NOMEAÇÃO DE DIRETORES PROVINCIAIS

REGIÃO DA ALBÂNIA: o Padre Luigi CANNATO foi nomeado Subdiretor das Filhas da Caridade por seis anos, no dia 28 de dezembro de 2015.

PROVÍNCIA DO MÉXICO: o Padre Silvano CALDERON SOLTERO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, no dia 7 de janeiro de 2016.

PROVÍNCIA DA ETIÓPIA: o Padre Tadele PIUOS foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por seis anos, no dia 9 de março de 2016.

PROVÍNCIA DA GRÃ-BRETANHA: o Padre Paul ROCHE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, no dia 5 de abril de 2016.

PROVÍNCIA DE VARSÓVIA: o Padre Karol HOLUBICKI foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por seis anos, no dia 5 de abril de 2016.

PROVÍNCIA SAN VINCENZO-ITÁLIA: o Padre Giancarlo PASSERINI foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, no dia 5 de maio de 2016.

PROVÍNCIA SANTA LUÍSA DE MARILLAC-ÁSIA: o Padre Amado CABALLERO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, no dia 6 de maio de 2016.

PROVÍNCIA NUESTRA SEÑORA DE LA MISION-AMERICA SUR: o Padre Daniel ROSALES BRIZUELA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por seis anos, no dia 3 de junho de 2016.

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE: o Padre Fernando Abel MUCAVELE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por seis anos, no dia 6 de junho de 2016.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Eslováquia

Ser Filha da Caridade na Rússia (Omsk)

Introdução

Diariamente, esta palavra de Jesus me interpela: *“Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda criatura”* (Mc 16, 15). Como estou vivendo a minha fé no meu serviço? Como eu a transmito aos outros? Muitas vezes, tenho medo de não anunciar suficientemente a Boa Nova ao povo russo. Viver a vocação num país onde os cristãos são minoria não é fácil; vivemos muitas tensões, devemos sempre superar um certo medo.

Em 2002, fui enviada à Rússia. Era um período bastante favorável para a Igreja Católica local, embora permanecesse difícil. Quando o Papa estabeleceu quatro dioceses neste país, cristãos ortodoxos ficaram revoltados, sobretudo o clero ortodoxo. Todos os missionários sentiram uma grande incerteza. Frequentemente, os vistos ou a prolongação de estadia no país eram recusados. Uma vez, o Bispo de Irkoutsk não conseguiu autorização para entrar em sua diocese, devido a sua nacionalidade polonesa. Aconselharam-nos permanecer prudentes para evitar que fôssemos acusadas de proselitismo. Em nossa Comunidade composta por três Irmãs, refletimos e buscamos caminhos para ver como proceder e como anunciar o Evangelho. No entanto, tínhamos a certeza de poder fazê-lo através do nosso testemunho de vida, totalmente doadas a Deus na alegria de uma vida fraterna que irradiamos através das relações cordiais. E, Deus não demorou a nos responder. Apesar da nossa impotência, seu amor era mais forte que tudo e não queríamos ser um obstáculo para Ele.

Meu primeiro serviço foi de cuidar dos doentes de tuberculose. Ainda que se trate de um país desenvolvido e que disponha de muitas riquezas, esta doença é muito frequente, sobretudo entre os mais pobres. Em alguns lugares, ela se transforma em epidemia. Nós visitamos os doentes, avaliamos sua situação e os levamos ao médico; quando eles precisam ser internados, permanecemos próximos deles, acompanhando-os até o último momento.

A primeira pessoa que eu cuidei foi Voloda, um homem de 60 anos, cego, indefeso e alcoólatra. No passado, ele fora professor na escola técnica profissional; homem inteligente e sábio, tornou-se o meu “professor” de russo. Através das visitas que realizamos, conquistamos a sua confiança a tal ponto que ele nos entregava o seu dinheiro para assim, não mais gastar com bebidas alcoólicas. Progressivamente, realizamos pequenos serviços em seu apartamento, compramos-lhe roupas e uma nova televisão, que há muito tempo desejava. Tendo economizado dinheiro, ele pode pagar uma cirurgia para os olhos e voltou a enxergar. No entanto, o mais importante para ele, foi encontrar sua filha que há muito tempo não via. Ele queria se reconciliar com ela, pedir-lhe perdão por ter abandonado sua família. Ele a reencontrou no final de sua vida, não foi fácil restabelecer os laços rompidos há tantos anos. Após sua morte, a filha propôs participar financeiramente do funeral; foi um momento emocionante.

Embora sejamos consideradas membros de uma seita, nosso serviço junto aos doentes tuberculosos é uma porta de entrada, onde temos o acesso livre, devido ao medo que as pessoas têm do contágio da doença. O testemunho de Luba, mulher ortodoxa, que sofre de tuberculose, realmente nos encorajou a continuar. Um padre ortodoxo lhe recomendara não andar em nossa companhia, e ela respondendo-lhe com convicção, disse que acreditava mais no Deus dos Católicos porque nós cuidávamos dela com regularidade, e até mesmo no Natal, nós a visitamos, o que ninguém tinha feito até então. Na verdade, os pobres dizem que olhamos para eles como seres humanos. Eu aprendo com eles a alegrar-me com as pequenas coisas do dia-a-dia e a aceitar minha própria fraqueza.

Disse-lhes Jesus: “Deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham” (Mt 19, 14). Durante nove anos, acompanhei crianças e jovens entre 6 e 18 anos no Centro Diocesano. Como enfermeira e não como pedagoga, descobri este serviço muitíssimo exigente, mas pensei que, como Filha da Caridade, eu deveria dar-lhes o meu coração e que Deus agiria em sua providência. Tínhamos um projeto educativo de prevenção para evitar que as crianças ficassem na rua. Precisei aprender a falar sobre Deus de uma outra maneira, chamando-o unicamente pelo nome de Bondade, Força do amor, etc. Em todas as reuniões, tínhamos a presença de um “olheiro” para se certificar que a educação que dávamos não era uma catequese. Estas crianças e jovens tinham muitas dificuldades para seguir o ritmo escolar. Com eles, aprendi a confiar, a dar a atenção aos mais fracos, a amar sem interesse. Um dia, Artom me disse: *“Gostaria que a senhora viesse ao meu casamento, porque a senhora é a minha mãe. A minha mãe biológica me abandonou e eu não a amo”*. De fato, a sua mãe o abandonou assim como ao seu irmão na estação de trem. Uma jovem chamada Leila, um dia testemunhou em sua classe como sua vida tinha mudado graças à ajuda das Irmãs. No entanto, um padre católico idoso contestava a pertinência e a eficácia do nosso serviço porque não levávamos ninguém para a Igreja, nem para receber os sacramentos. Contudo, os paroquianos que se responsabilizavam pelas ações caritativas nos convidaram para animar encontros espirituais e propor uma formação para os leigos, funcionários e voluntários. A fim de responder a este pedido, participamos de um curso de acompanhamento espiritual nos Jesuítas. Os encontros de formação foram experiências novas, muito enriquecedores e com testemunhos de fé emocionantes. Um protestante expressou como apreciava a adoração silenciosa e, que estava cansado de orações muito barulhentas. Hoje, tenho a responsabilidade de organizar encontros de

formação para leigos autóctones e estrangeiros e, trabalhando na Caritas, em diferentes projetos sociais, percebi o quanto os leigos têm fome de Deus.

Damos catequese em duas paróquias da cidade que contam com mais de um milhão de habitantes. No início, a paróquia que estava em ruína, contava apenas com trinta pessoas na missa dominical, entre elas duas jovens e nenhuma criança. Organizamos cursos de aprofundamento na fé e catequese dominicais para crianças. No começo tínhamos duas ou três crianças. Foi preciso muita paciência e perseverança para não desistirmos da missão! Três anos mais tarde, tínhamos quinze crianças que frequentavam regularmente a catequese. No verão passado, organizamos também as “Férias para Deus”, tudo aconteceu na casa paroquial, um pouco arruinada, mas o ambiente é cada vez mais familiar.

Dedicamos tempo para preparar os catecúmenos que se apresentam, acolhemos famílias, acólitos e, com certeza, em breve um jovem entrará no Seminário. Elvira, uma nova paroquiana nos disse ter frequentado várias Igrejas para ver aquela que respondia melhor às suas necessidades; tocada pelo acolhimento da nossa paróquia e pela homilia do padre, ela decidiu ficar conosco. Continuamos a promover retiros espirituais individuais e em grupo, tanto na paróquia como nas regiões da Sibéria, distantes da cidade.

A pastoral vocacional é também um desafio muito importante. Organizamos finais de semana de discernimento vocacional para jovens. Uma delas me escreveu dizendo: *“Querida Irmã, compreendi que servir os pobres é difícil, mas é bonito. No começo eu estava cansada, mas fiquei muito feliz em poder servir os desabrigados no hospital. Estes encontros serão inesquecíveis. Irmã, ficarei muito feliz se o Senhor me chamar a segui-lo. Eu nunca pensei dizer isto um dia. Eis as palavras do Evangelho que me interpelam: **“mas, quando deres uma ceia, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. Serás feliz porque eles não têm com que te retribuir, mas ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos”** (Lc 14, 13-14).* Entre os participantes destes encontros, quatro se casaram, uma se tornou religiosa, e outra continua fazendo o discernimento sobre a congregação que melhor lhe convêm.

“Os discípulos partiram e pregaram por toda parte. O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam” (Mc 16, 20). Eu não posso esquecer todas as pessoas idosas que perseveraram na fé, em condições tão difíceis durante os períodos graves da vida política e daqueles que se voltaram para Deus pouco antes de morrer. Seus testemunhos tão trágicos reafirmaram minha própria fé.

Conclusão

Aqui na Sibéria, o Todo-poderoso fez por nós maravilhas e somos muito felizes, apesar das limitações pessoais. Aqui, meu corpo sofre com o frio, mas meu coração se aquece graças à presença do Cristo em minhas Irmãs e nos pobres.

Irmã Antônia LEDNICKA
Filha da Caridade

PALAVRA DOS POBRES

Província Bélgica-França-Suíça

Os pobres nos evangelizam

Eu trabalho há 14 anos na Associação “Aux captifs, la libération” (aos cativos à libertação) a serviço das pessoas que moram nas ruas ou pessoas em situação de prostituição. Estes encontros são diversos sejam nas ruas ou na sede da Associação, seja durante as jornadas oferecidas fora de Paris para permitir que estas pessoas tomem a palavra e expressem o melhor de si mesmas.

João Francisco

Tudo começou num encontro “mãos vazias”, ou seja um encontro revestido de gratuidade onde a relação com o outro vem antes da prestação de serviço. Durante uma ronda na rua, vimos um homem que instalou um abrigo em baixo de um banco no jardim do Fórum. Nós nos aproximamos dele e nos apresentamos, logo ele deixa claro que não deseja falar conosco. Durante três meses, todas as quintas-feiras, passávamos e o cumprimentávamos e finalmente, um dia, ele disse: “**eu me chamo João Francisco**”. A partir deste dia nós nos tornamos amigos. No Natal, ele nos oferece chocolates derretidos e colados, dizendo: “eu os guardei para vocês”. Foi a primeira vez que eu vi João Francisco sorridente, feliz da vida por nos ter dado os chocolates.

DURANTE UMA PEREGRINAÇÃO A LOURDES

Com a associação dos “maqueiros” de Paris, sempre acompanhamos uma peregrinação a Lourdes de pessoas que vivem nas ruas. Nesta peregrinação são as pessoas de rua que ficam responsáveis pelo serviço aos doentes. Durante toda a peregrinação aqueles que são os “valentões” da rua se tornam os de “coração mole” com os doentes.

Quantas vezes testemunhei **LUCIANO** se inclinar com ternura próximo de um doente. Luciano não é batizado, é morador de rua, soropositivo, que se recusa a fazer um tratamento. Embora participe de todas as celebrações da peregrinação, ele veio para servir e não para realizar um exercício religioso. Um dia, ele nos pediu para rezar com ele; na volta para casa ele nos disse: “*Na Via Sacra da paróquia, vou carregar a cruz na rua para mostrar que sou cristão*”. Durante sua estadia em Lourdes, ele discutiu com um outro companheiro, porém, ousou ter a iniciativa de pedir perdão e ambos apertaram-se as mãos.

Numa das celebrações Eucarísticas, ele entrou na fila da Comunhão. Depois, ao falar com ele, disse-me: “*Está vendo! Numa família partilhamos as refeições, aqui nós somos uma família, pois partilhei do pão da fraternidade e da amizade*”.

FÉLIX, no final da peregrinação me pergunta: “*Por que aqui a gente não bebe? Nós nos sentimos bem quando estamos juntos. A partir de amanhã, em Paris, os problemas vão recomeçar. Aqui as pessoas nos olham como seres humanos, ninguém sabe que vivemos na rua; aliás em Paris, as pessoas nos tratam pior que a um cachorro*”.

PAULO: “*Tenho 30 anos de rua, há 30 anos que viro as lixeiras... nós nos tornamos lixo. Vir à Lourdes deu-me novamente o gosto pela vida, vontade de ir até a Embaixada, de regularizar meus*

documentos e de reencontrar meu filho. Passar alguns dias em Lourdes me ensinou a olhar para mim mesmo, a estar presente em meu corpo, pois os problemas diários me impedem de existir”.

JOSÉ: *“Queremos dar pernas àqueles que não as têm, nós somos ricos, podemos nos deslocar... e ainda assim nos queixamos”.*

ADRIANO que saiu recentemente da cadeia após um longo período de cárcere: *“Eu me confessei. Realmente é um grande alívio. Hoje, estou me sentindo como se eu tivesse asas”.*

DIDIER: *“É engraçado, mas em Lourdes eu aprendi que o perdão nos liberta; embora aprender a me perdoar e a me amar não seja algo fácil. Quando se volta de Lourdes, não voltamos mais a mesma pessoa: estou levando para os meus amigos um pequeno sorriso de Maria; quando eu empurro os carrinhos para os doentes, sinto-me como em oração”.*

ESTADIA NA ABADIA DE SÃO BENTO “D’EN CALCAT”

Todos os anos, com algumas pessoas que moram nas ruas, partimos em peregrinação de oito dias à Abadia de São Bento d’En Calcar, que fica próxima de Carcassonne. Todas as manhãs trabalhamos com os monges no jardim: um verdadeiro aprendizado para reencontrar o gosto pelo esforço, para reaprender a utilizar o material de trabalho, a ser perseverante em seus compromissos até o fim, apesar do cansaço. Viver 24 horas com eles neste lugar de silêncio e de beleza é um tempo privilegiado de partilha, de interpelações e de confidências.

PABLO: Ele se dirige a mim, com um terço e uma cruz nas mãos: *“eu os peguei para a senhora”.* E começa a me contar sobre sua infância e seus sofrimentos... ainda segurando a cruz, disse-lhe: *“sua cruz é pesada e eu não posso carregá-la em seu lugar”.* De repente ele muda o tom e voz e diz: *“Por que a senhora está dizendo isto? A senhora dedicou tempo para mim, me escutou e isto me faz bem.. Então, nunca mais repita isto”.*

JOÃO LUCAS: *“Minha mãe morreu muito cedo... isto não é justo. Meu pai se uniu a uma outra mulher, eu pensava que ela iria me amar, mas não, ela não queria saber de mim. Eu nunca fiz uma refeição com eles. Na mesa nunca tinha um prato para mim, fui criado como um animal: eu comia na mesma tigela que o gato e o cachorro. Eles me trancavam num armário o dia inteiro...eu fazia xixi nas calças, eles me batiam com um bastão ou me colocavam dentro de uma bacia de água gelada, mesmo no inverno... Meu pai nunca me pegou no colo ou me carregou em seus braços, ele nunca me abraçou ou beijou. Vou lembrar disto durante toda a minha vida: uma mãe jamais pode ser substituída...jamais um coração de mãe pode ser substituído. Quando uma mãe morre, é uma parte do nosso corpo que vai junto”.*

ANDRÉ : Ele dorme em baixo de uma ponte em Paris: *“Pela manhã, quando amanhece, sinto Deus me desejando um bom-dia!*

FELIPE: *“Eu sou o rezador da rua, quando ando sem saber onde colocar a minha mochila, penso em Deus e retomo o caminho”.*

JOSÉ saiu há pouco da prisão e foi para a Associação: *“tenho medo da rua. Caminho próximo das paredes, sou uma sombra. Ninguém me vê. Aqui eu sou muito bem acolhido. Existem lugares que somos tratados como animais. Eu não tenho mas ninguém neste mundo... tenho medo!”.*

GILLES: *“Meus pais me colocaram para fora de casa como um saco de lixo. É verdade, eles sempre me trataram como lixo. Estou fora de casa há 10 anos. Eu reviro as lixeiras para encontrar algo para comer, de fato, eu sou um lixo”.*

LUCIANO: *“Eu sempre vivi na rua. Meus pais biológicos me abandonaram quando eu tinha dois anos. Meus pais adotivos morreram cedo. Eu tinha o desejo de encontrar os meus pais biológicos, mas eles me abandonaram, tratando-me como um lixo!”.*

QUANDO UM DOS COMPANHEIROS MORRE

JOÃO MARIA disse no momento do funeral de Daniel: *“Tu nunca foste amado na vida, agora tu sabes que Deus sempre te amou”. “As flores são como o amor que damos e que recebemos. É isto que queremos te dizer, Daniel”.*

PASCAL: *“Estes amigos permanecerão sempre em minha vida e no meu coração. Não se pode esquecer os companheiros de dificuldades, provavelmente, Deus também não os esquecerá. Talvez, isso seja Deus”.*

FELIPE: *“Agora eu sei que não serei enterrado como um cachorro, pois aqui as pessoas nos respeitam até na morte”.*

COMO OS MORADORES DE RUA ME HUMANIZAM ATRAVES DE SUA PRESENÇA E DE SUAS PALAVRAS?

“Buscando revelar o Senhor aos Pobres, anunciando-lhes o Evangelho, explicitamente onde é possível e sempre pela vida. Estão atentas em aprender com os pobres e a deixar-se evangelizar por eles” (C. 24b).

Estar com as pessoas que moram na rua significa para mim um permanente convite à conversão, a mudança de hábitos, de temperamento, a ter paciência, adequando o meu ritmo ao deles, ou seja, ao ritmo de um caracol.

- **Estar atenta a todos:** tento não escolher o mais gentil ou o mais exigente, mas de ir ao encontro daquele que não me pede nada e não se expressa (através das roupas, da saúde, etc.), ao encontro daquele está mais triste que de costume, pois seus sofrimentos, sua solidão podem ser lidos em seu rosto.

- **Ter um olhar positivo para com todos.** Sua aparência física, às vezes, repugnante, jamais deve ser um obstáculo para estabelecer uma relação justa, real e cheia de bondade. São Vicente de Paulo nos convida a crer *“que o amor é inventivo ao infinito”* (Coste, XI, pág. 126).

- **Não ser curiosa sobre o passado deles.** Devo aprender a entrar na história de cada um e permitir-lhes que sejam novos homens no centro de acolhimento. Devemos fazer-lhes descobrir que eles não são *“um que acabou de sair da prisão”*, ou um *“alcoólatra”*, um drogado, etc., mas que são homens capazes de retomar o caminho de suas vidas.

- **Mudar o ritmo da minha vida, meus valores.** Aprendo a dedicar tempo, muito tempo com eles, a recomençar incessantemente com a mesma convicção de que tudo é possível. São eles que devem decidir

por si mesmos, eu não devo assumir o lugar deles, as vezes, é preciso que eu saiba até mesmo desaparecer.

Durante semanas, pedimos-lhes que tomem banho, que façam tal ou tal atividade, até que um dia eles expressem o seu pedido. Nesse instante devemos deixar tudo para acompanhá-los em suas necessidades, atender os seus pedidos.

- **Assumir o aparente fracasso, confiança traída.** São seres humanos que devem exercer sua liberdade. Eles dão um passo, depois caem novamente...Devemos acolhê-los com a mesma bondade e dar-lhes uma nova oportunidade.

- **Ser um pouco a sua memória.** Eles perderam tudo na vida: família, amigos, casa, documentos, etc. Às vezes, eles esquecem o próprio nome, a sua identidade. Com o devido consentimento de cada um, organizamos um dossiê com informações úteis e algumas vezes, temos que lembrar-lhes seus compromissos ou até mesmo a data do nascimento.

- **Ajudá-los a se tornarem responsáveis por sua própria vida e as dos outros.** Nós nos esforçamos em ajudá-los a viver a fraternidade entre eles, em acolher os recém-chegados, acompanhá-los em seus processos.

- **Acolher seu gesto de amizade, de gratidão.** Eles ficam felizes em estabelecer amizade conosco, às vezes, eles ficam desajeitados para expressar sua gratidão, no entanto, recebemos deles a vida que é sempre bonita.

- **Saber controlar meus momentos de impaciência e conservar a mansidão.** Raramente fico com raiva, mas isto acontece, porque, às vezes não há outra alternativa para despertá-los, convidá-los a aceitar as obrigações, a respeitar as regras da casa que os acolhe. No entanto, apesar de tudo, devo me compor rapidamente e voltar-me à compaixão, à ternura. Minha preocupação é sempre ser paciente. Para todo ser humano, o sorriso e a mansidão são as armas mais construtivas. Tento compreender até o último limite, o homem violento, desesperado, enganador, pedindo-me como dar-lhe o sentido da justiça, convencê-lo de que estamos ali para caminhar com ele para que reencontre a sua dignidade.

- **Aceitar que minha solidariedade seja pública** correndo o perigo de ser a chacota daqueles que me rodeiam. Os marginalizados sempre provocam medo nas “pessoas boas”. Um dia, um vizinho me disse: *“seu cachorro dorme na minha garagem”*; era Luciano, paralisado pelo frio, incapaz de se levantar. Apesar da minha ajuda, não foi possível levantá-lo; o vizinho se recusou a me ajudar e começou a me ridicularizar. Luciano me disse: *“a senhora viu, ele a desrespeita, eu estou acostumado, mas a senhora talvez não!”*.

- **Aceitar o sofrimento com eles, aceitar ser sua porta-voz quando o sofrimento os torna mudos.** Fico sempre triste ao vê-los se humilharem pedindo esmolas; ainda mais, quando lhes damos moedas sem olhá-los, esta ação não resolve em nada seus problemas.

Neste local de Acolhimento, conheço homens que não têm o gosto de sorrir e não nos olham nos olhos; quando eu os encontro na porta da Igreja ou das lojas, eles têm atitudes de dar piedade. Para mim, deixá-los nesta atitude, não é ajudá-los a reencontrar sua dignidade.

DEIXAR-ME EVANGELIZAR ATRAVÉS DE SUAS VIDAS E DE SUAS PALAVRAS

Sei que muitos homens e mulheres que não têm fé são muito comprometidos com o serviço aos outros, então, para mim, que sou cristã, o que é que isto muda?

Acredito que cada homem é amado por Deus e que traz em si este amor. Acredito na ressurreição desde agora, o que me convida a um grande respeito por todos.

Por que estou cada vez mais com eles? Todas essas pessoas golpeadas pela vida, todos estes irreversíveis da vida, me atraem, existe algo neles que não me engana. Não tenho consciência do que avanço, mas tenho a convicção de que Deus está escondido por trás de seus rostos marcados pelos repetidos fracassos que eles não desejaram, mas a que estão submetidos. Parece-me que Deus traça um caminho de presença em suas feridas da infância, da adolescência, de adultos e que permanece no centro de suas queimaduras jamais aliviadas, como se fosse para nos questionar, e se eu me deixasse “tocar” por elas.

Penso que Deus está presente em cada um deles, como estava em Belém, tão frágil e vulnerável,... depois em Jerusalém, onde foi definitivamente rejeitado e excluído pelos responsáveis civis e religiosos, durante o seu processo e sua condenação. E se era uma oportunidade para que arriscássemos um pouco de nossa vida com eles, simplesmente, por nada em troca.

Todo homem é meu irmão e não se trata de palavras ao vento. Cada uma dessas pessoas que mora na rua é um ser humano como eu. Ainda que muitas vezes estejam desfiguradas, continuamos pertencendo a mesma família humana, somos todos iguais, não em deferência aos extremistas de todos os lados. Mas é sempre muito difícil aceitar realmente o outro como um irmão e é minha fé que me dá a força para ser fiel. Minha fé neste Deus que defende os pobres só é real, quando eu me comprometo com a mesma causa.

Meus encontros com as pessoas excluídas da sociedade são bastante questionadores. Fico profundamente tocada com as histórias de sofrimento dos meus irmãos, acredito que este é o mesmo sentimento de Jesus Cristo; no Evangelho vemos muitas vezes que “Jesus se compadeceu”.

Minha fé me faz viver o perdão com eles. Deve-se perdoar e perdoar e, sobretudo ter a paciência de recomeçar diante da confiança traída. Quando vivemos numa tal miséria, não é em um dia, ou em um mês e talvez nem mesmo em um ano que poderemos nos reconstruir interiormente. Aguardando esta maturação, podemos fazer algo: amá-los tal como são. Tudo isto para mim é um toque de loucura da minha fé. Na cruz, Jesus conheceu também o fracasso aparente; com Ele, recuso-me a abandonar a esperança evangélica.

É um povo que fala a linguagem do coração. As palavras que expressam traem a realidade, devemos muitas vezes adivinhar o que eles não dizem, porque só poderemos entendê-los com o coração.

É o povo de Deus. Estes rostos marcados, machucados, envelhecidos antes da idade, são os “crentes” da rua. Eles me falam de Deus através de suas ações, suas palavras. Com eles, rezamos todos os meses a oração da rua. Quando celebramos na Igreja Saint Leu o funeral de um deles, eles pedem para ter um lugar na Igreja e dizem: “*Esta também é a nossa casa*”.

Acreditar que são amados por Deus. Minha tentação é de querer fazer tudo por eles, de querer tirá-los de sua miséria, mesmo contra a vontade deles. Devo sempre recuar, mudar a maneira de ver e

descobrir que cada homem é livre e deve exercer sua liberdade. Eu não sou o Salvador, mas estou a serviço desta liberdade, coloco a minha fé no Cristo ressuscitado. Creio que o amor é mais forte que tudo, que a vida é mais forte que a morte. Recuso-me a acreditar que existam trevas tão grandes que não possam ser transpassadas pela luz da Ressurreição. Porém, é importante que eu dedique tempo para acolher o Cristo Ressuscitado, que eu o receba na minha oração e nos sacramentos. O fato de colocar tudo nas mãos do Pai, torna-me mais disponível e acolhedora à dose de sofrimento que receberei amanhã. Como disse o Padre Pedro (l'abbé Pierre): *“deixai sempre um vidro quebrado de sua janela para ouvir o grito dos mais pobres”*: é desta maneira que tento viver diariamente: deixando um espaço aberto no meu coração para ver os pobres, escutá-los e pensar em suas feridas.

Irmã Solange RAULT
Filha da Caridade

OBRAS DE MISERICÓRDIA

Província da América Central

Guatemala

Instruir os ignorantes

O Centro Escolar "São Vicente de Paulo", situado em Tecpán, Guatemala foi fundada em 12 de dezembro de 1952 com o objetivo de oferecer às crianças e aos jovens uma educação sólida, humana e espiritual. A vila conta uma população de 78.732 habitantes, sendo 85 % de indígenas e com poucos recursos financeiros, o que explica porque a maioria dos adultos não é escolarizada.

Tendo identificado esta situação, a Comunidade decidiu realizar nos finais de semana, o projeto IGER (Instituto Guatemalteco de Educação Radiofônica) visando a educação das pessoas que tiveram poucas possibilidades de acesso a um centro de estudos para continuar sua formação. O Projeto IGER oferece a possibilidade de estudo gratuitamente. Mas, para a sua implantação foi necessário buscar um local apropriado e professores voluntários que aceitassem trabalhar conosco.

Atualmente, a equipe do IGER é constituída por quatro Filhas da Caridade, sendo uma diretora e três outras que apoiam de muitas maneiras (assumem a responsabilidade do estabelecimentos, o lanche para os mais pobres), etc., e também por nove professores leigos, voluntários, que, com alegria e determinação, enfrentam o desafio de ensinar mais de duzentos alunos, desde a alfabetização ao ensino médio.

O quadro de alunos é constituído por jovens de ambos os sexos e por pais e mães de família. A maioria vem do mundo rural, de pequenos vilarejos de Tecpán, de Chichicastenango, de Sololá e de vilarejos vizinhos. Durante a semana, eles realizam diversos tipos de trabalho, porém de pouca remuneração: trabalhos agrícolas, domésticos, de manufatura, ou como empacotadores, seguranças, motoristas de ônibus, zeladores, faxineiros, etc.; seus salários estão abaixo do mínimo e outros estão desempregados. Diante desta realidade de pobreza, de injustiça e de marginalização percebemos como sinal de esperança o esforço destes jovens, destes homens e mulheres em superar as dificuldades para obter um diploma que lhes permita ter acesso a um trabalho melhor. Muito deles tiveram que deixar suas famílias para trabalhar nos Estados Unidos. Para realizar o

“sonho americano”, foram obrigados a atravessar mais de 3.000 km do sul ao norte do México, uma verdadeira via-sacra devido aos requisitos legais para a travessia. Do outro lado do rio, dezenas de agentes do controle de imigração os esperavam para pedir os documentos e muitos destes migrantes foram obrigados a pegar os caminhos das montanhas, todos extremamente perigosos devido aos ataques de grupos de delinquentes e do narcotráfico: agressão, estupros, etc. Suas tentativas tendo fracassado, eles conservam o gosto amargo da frustração e ainda mais dívidas. Mal nutridos, apesar dos esforços, eles têm muita dificuldade para estudar.

Todos os nossos alunos têm uma história pessoal que os marcaram profundamente: pertença a gangues, vítimas do álcool, das drogas, do abuso sexual, psicológico e físico. Seus rostos revelam cansaço, preocupações, sofrimentos. Desnutridos, apesar dos esforços, eles têm muita dificuldade para estudar. Ao vê-los, é fácil imaginar a vida dura que levam.

IGER São Vicente de Paulo oferece aos alunos a possibilidade de ter uma formação escolar, humana e espiritual. Aos domingos, as dependências do Centro Escolar são exclusivamente reservados para eles. As classes são grandes e arejadas oferecendo um clima favorável para o estudo. Na parte da manhã, eles têm um tempo de recreação e podem utilizar a quadra de esportes: basquete, futebol e etc., além dos jardins para um lazer juntos. O Centro também organiza atividades culturais das quais eles participam. No que se refere a formação espiritual, o IGER, lugar que respeita a religião é propício à evangelização. No início do dia propomos uma reflexão sobre o Evangelho do domingo para que se aproximem de Deus, pedindo a sua intercessão para que eles tenham uma vida digna e justa. Antes de chegar ao Centro, muitos deles já foram à primeira missa dominical da paróquia, outros vão no final da tarde. Assim, o Domingo se torna o “Dia do Senhor”: dia do encontro com Ele na Eucaristia, na oração e com os irmãos.

Deus nos dá a oportunidade de poder servi-Lo nestes jovens e adultos, ensinando-lhes os fundamentos dos seus direitos e os dos outros, devolvendo-lhes a dignidade retirada de maneira injusta, oferecendo-lhes instrumentos para uma vida melhor, e convicções que os ajudem a não serem mais vítimas de mentiras e de injustiças.

O Bem-aventurado Dom Oscar Romero dizia: "*A glória de Deus é o pobre vivo*". Através deste serviço, damos glória a Deus trabalhando na promoção dos nossos irmãos humanos. Para aqueles que vivem em realidades extremas, devemos ajudá-los em tudo: alimentação, compra de livros, etc. Numa atitude de gratidão pelo trabalho realizado pelos nossos professores voluntários, oferecemos-lhes uma gratificação simbólica, graças a uma mensalidade mínima paga pelos alunos de acordo com suas condições. Muito embora esta participação financeira seja ínfima, muitos são os que não podem pagá-la, então nós também os ajudamos.

As palavras de São Vicente "*Os pobres são nossos mestres e senhores*" nos guiam nas terras de Tecpán. "*Todas as vezes que fizestes a um destes meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes*" (Mt 25, 40). Servimos a Cristo em nossos irmãos que precisam de misericórdia. Neste ano Santo da Misericórdia, sentimo-nos convidadas a nos doar sempre mais e a partilhar os dons que o Senhor nos concedeu em sua infinita bondade. Nós lhe pedimos sabedoria, humildade, simplicidade e caridade para sermos testemunhas fiéis da Boa Nova.

Filhas da Caridade e professores vicentinos
Chimaltenango

OBRAS DE MISERICÓRDIA

Província La Milagrosa Bogotá-Venezuela

A serviço das vítimas do conflito armado colombiano

COLÔMBIA: UM PAÍS QUE CRIA A ESPERANÇA NO MEIO DA ADVERSIDADE

Com uma grande riqueza natural e uma população dotada de numerosos talentos para seu desenvolvimento pessoal e o da sociedade, a Colômbia conta com 47.662.000 milhões de habitantes; 82 % são católicos, a esperança de vida é de 75,5 anos. A dívida externa é de 84.000 milhões de dólares e 32,7% da população estão abaixo do nível de pobreza.

Durante 50 anos, a Colômbia viveu uma guerra interna, mas agora vive uma grande esperança mesclada a muito ceticismo com o acordo de paz entre o governo e a guerrilha das FARC, pois este conflito gerou na população muito sofrimento e desespero, desigualdades e exclusões. A política, a vida social econômica e cultural sempre foram regradas pela violência e opressão, os setores rurais sofreram muitas consequências diretas deste conflito, não recebendo por assim dizer ajudas do Estado.

A violação dos direitos humanos mais frequentes foi a obrigação das famílias e das Comunidades de abandonar suas casas e seus bens, simplesmente para proteger suas vidas. Bogotá, a capital do país, é uma das cidades que acolhem a maior parte desta população migratória, o que aumentou consideravelmente os problemas de pobreza e de exclusão.

Não encontrando nenhuma rede de apoio na capital, estas populações são particularmente atingidas pela/s :

- pela decomposição do núcleo familiar ;
- consequências psicológicas que se expressam em agressividade, ressentimentos, ansiedade e depressão.
- deterioração da qualidade de vida,
- falta de oportunidades para aceder à educação
- por altos níveis de desemprego (exclusão e discriminação profissional).

Diante deste contexto, os desafios para a Igreja, a Família Vicentina e a Companhia são imensos. Para acolher e acompanhar esta população migratória e trabalhar em favor de sua promoção integral, foi preciso buscar recursos, trabalhar ainda mais em rede de colaboração, fazer análises críticas, analíticas e construtivas. Além disto a resiliência, a esperança, a coragem e a fé da população permitiram ter esperanças por dias melhores e um país melhor.

O Documento Interassembleias 2015-2021, "A Audácia da Caridade" veio iluminar nossa missão": ousamos com determinação:

* praticar a justiça e assumir uma posição contra o que possa atingir a vida, os direitos e a dignidade das pessoas;

* procurar com outras pessoas lutar contra as causas da miséria...reler nossos compromissos missionários com aqueles com quem colaboramos; o trabalho em rede... em colaboração com a Família Vicentina e com outros" (DIA pág. 14-18).

O CENTRO SOCIAL NAZARÉ PODE VIVER A RESILIÊNCIA E CONSTRUIR A PAZ.

Há 26 anos, o Centro Social Nazaré das Filhas da Caridade, situado em Bogotá, acompanha essa população migratória em função do conflito armado colombiano. A maioria das vítimas são mulheres, mães de família, sobretudo das classes socioeconômicas baixas.

Ao proclamar o “Ano da Misericórdia”, o Papa Francisco nos lembra que não devemos decepcionar os pobres. *“Jesus é a fonte da audácia da Caridade. Ele é que nos dá a força para ousar, superar nossos medos, anunciar a Boa Nova do Evangelho”* (DIA pág.14). Cremos que eles são os principais agentes de sua promoção pois eles conhecem sua situação.

“É um milagre sempre novo que a misericórdia divina possa irradiar-se na vida de cada um de nós, estimulando-nos ao amor do próximo e animando aquilo que a tradição da Igreja chama as obras de misericórdia corporal e espiritual. Estas nos recordam que a nossa fé se traduz em atos concretos e quotidianos, destinados a ajudar o nosso próximo no corpo e no espírito ... Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina”. Realmente, no pobre, a carne de Cristo “torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós” (Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2016, nº03).

Com o objetivo de propor a esta população migratória, programas de libertação e de reconstrução de sua vida de acordo com os valores do Evangelho, o Centro Social Nazaré oferece:

- um lugar de acolhimento,
- um acompanhamento psíquico e social (visitas domiciliares, oficinas e entrevistas),
- uma formação profissional,
- serviços em rede, de acordo com os critérios de escolha no plano pastoral da Província.
- um acompanhamento humano e espiritual com lugares para a reflexão, a oração e a partilha de experiências, para reencontrar a paz interior e abrir-se progressivamente ao perdão e à reconciliação. Trata-se de favorecer individualmente, familiar e coletivamente o apaziguamento dos sentimentos de ódio e de vinganças perpetuadas pelo contexto de violência e de injustiça sofridas pelas pessoas. Cultivar nas pessoas gestos de humildade e de fraternidade para perdoar e se reconciliar é uma condição para construir uma paz autêntica e duradoura.

O “PROJETO COMUM”: TECER REDES DE MISERICÓRDIA EM FAVOR DAS FAMÍLIAS MIGRATÓRIAS

Desde 2014, as Voluntárias da AIC Semper Mendoza, Bogotá, sonhavam realizar um Projeto de Acolhimento para a população migratória vítimas dos conflitos armados, em colaboração com outros ramos da Família Vicentina. Elas pediram às Filhas da Caridade que já realizavam o acolhimento no Centro Social Nazaré, para criar uma parceria em vista do desenvolvimento de outros programas e dar ênfase à formação profissional. Hoje, quatro ramos participam desse “Projeto comum”: as Filhas da Caridade, AIC Semper Mendoza Bogotá, a Congregação da Missão e os Missionários Leigos Vicentinos.

O PROJETO COMUM: “FORMAR PROFISSIONALMENTE AS VÍTIMAS DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO A FIM DE AJUDÁ-LOS A REENCONTRAR SUA DIGNIDADE”

Destinado às Famílias migrantes em razão do conflito armado, o “Projeto comum” tem por objetivo criar e promover ações de libertação e de reconstrução através das formações socioprofissionais em vista de uma promoção integral: desenvolvimento do espírito de empreendimento, aquisição de competências, retomada da confiança em si mesmo, cultivar as melhores relações com os outros e com Deus e, assim reduzir a pobreza, a marginalização e a exclusão.

Este “Projeto comum” que começou em abril de 2015, ou seja um mês antes da abertura do Ano da Colaboração Vicentina, permitiu o crescimento nos programas do Centro Social Nazaré.

O “Projeto comum” beneficia também o apoio e a participação das entidades públicas e privadas.

* *“O Alto Conselho para a Paz e a Reconciliação”*. Este organismo responsável pela política de acolhimento e de reparação de vítimas do conflito armado em Bogotá favorece a articulação de nosso trabalho com outras entidades públicas.

* *“A Agência Pública de Empregos do SENA” (Serviço Nacional de Aprendizagem)*. Esta entidade dispõe de espaços, de meios para empregar profissionais, ela apoia todas as etapas do nosso projeto e favorece as convocações e as formações àqueles que participam.

* *“O Serviço Nacional de Aprendizagem” (SENA)*. O SENA favorece a formação técnica e profissional especialmente em favor das populações mais vulneráveis, oferece instrutores habilitados para o desenvolvimento das formações que garantem a inserção e a performance profissional a curto prazo.

* *“As Instituições privadas e as pessoas físicas de empresas de confecção”*. Estas empresas são um grande apoio para os conselhos técnicos e profissionais na área da confecção. Elas contribuem com recursos financeiros e materiais para um melhor desenvolvimento das formações e, no final do ciclo de formação, oferecem aos participantes do Projeto oportunidades de compromisso profissional.

Todo este trabalho em rede permitiu a realização do “Projeto comum”. As Voluntárias da AIC têm um grande papel em seu financiamento, na coordenação, na execução e avaliação periódica.

OS PROGRAMAS E OS SERVIÇOS PROPOSTOS PELO “PROJETO COMUM”

Os diferentes programas propõem às vítimas do conflito armado um desenvolvimento integral do ser humano e uma promoção em todas as dimensões.

* **Acompanhamento e cuidados psicossociais.** O Centro social Nazaré propõe a esta população cuidados psicológicos, terapia de escuta num clima de respeito e de compreensão e oferece ferramentas para superar as sequelas causadas pelo conflito armado ou outra situação de violência. As pessoas que foram forçadas a migrar e que conseqüentemente tiveram que deixar com urgência seus bens, suas ocupações, seus terrenos, suas lembranças... encontram agora uma ajuda, um apoio para enfrentar os seus grandes sofrimentos e os sintomas do estresse pós-traumático.

As vítimas mais atingidas por este conflito armado são as mulheres. O Centro para a justiça e o Direito Internacional citou um relatório da Anistia Internacional dizendo que em 40 anos de conflitos colombianos, todos os grupos armados, legal ou ilegalmente constituídos abusaram e exploraram sexualmente mulheres civis de todas as idades, inclusive menores. Os serviços sexuais sempre criam danos psicológicos e físicos profundos “o corpo das mulheres se tornou uma arma e uma apropriação de guerra”.

* **Um acompanhamento e uma formação humana e espiritual** a partir do trabalho de grupo para refletir sobre temas e descobrir a pessoa de Jesus como Amigo que pode ajudar a superar os sofrimentos causados pelo conflito armado. O tempo de encontro e partilha de experiências são espaços que ajudam a sair da dureza da vida, permitem reunir-se com amigos e dedicar tempo para Deus. Na atual conjuntura do país que dialoga para terminar o conflito armado e a reintegração nacional num clima de paz, nós estimulamos a reforçar estes lugares de encontro.

* **Uma formação profissional criativa.** A maioria dos migrantes vem do mundo rural onde trabalhava na agricultura e criação de animais. Quando eles chegam à cidade, não têm conhecimento suficientes para se inserir no mercado de trabalho urbano. Mesmo antes desta migração forçada, a população rural em geral e particularmente as mulheres, não tinham acesso ao sistema educativo. Por isto, muitos chegam sem a mínima base da alfabetização.

Durante o ano de 2015,

* 84 mulheres e 2 homens aprenderam a manipular máquinas de costura para a confecção têxtil

* 20 outras foram iniciadas em informática (sistemas e computadores)

* 30 mulheres fizeram curso de cozinha, bordados à mão, cursos de pintura em tela e cerâmica, atelier de pirogravura na tela, confecções de bonecas, etc.

* **Uma cesta básica familiar:** dada a situação socioeconômica crítica destas famílias migrantes, e estando vinculadas à Paróquia Santa Gema Galgani e ao Banco alimentar da arquidiocese, um apoio alimentar com produtos básicos é ofertado em troca de uma pequena contribuição financeira.

* **Um vestiário.** Graças às doações, um vestiário, mantido pelas voluntárias da AIC Semper Mendoza, coloca à disposição destas famílias, roupas, sapatos... e em troca elas dão uma contribuição financeira simbólica.

* **Um trabalho com as crianças.** O governo colocou à disposição destas famílias um grande prédio. Nós as visitamos mas, para reunir mais facilmente os pais a fim de lhes sugerir nossos diferentes programas, propomos atividades para as crianças através de um grupo vicentino: NAVYL : “Os filhos amigos de Luísa e Vicente”.

As experiências com estas famílias migrantes alimentam nossa consagração a Deus e nos interpelam sempre mais. O “Prêmio Jean e Claire Delva” da AIC internacional foi atribuído em 2016 ao “Projeto Comum” da Família Vicentina de Bogotá.

Que a Virgem Maria nos conceda sempre mais a fé, a coragem para nos doarmos inteiramente aos pobres!

Irmã Carmen Leonor SUÁREZ ALBA
Filha da Caridade

A CARTA MAGNA DAS FILHAS DA CARIDADE

Consagradas para “estar mais expostas”;
Consagradas “para chegar a todos”

“Claustro”

Conferência de 2 de fevereiro de 1653 - sobre o espírito da Companhia

“Dizei-me, minha Irmã, devem as Filhas da Caridade saber em que consiste o seu espírito?”

- Sim, Senhor.

- E por quê?

- Porque, se o não soubessem, fariam uma coisa muito diferente daquilo que deveriam fazer.

- E vós, minha Irmã, por que razão deve uma Filha da Caridade saber qual é o seu espírito?

- Senhor, parece-me que uma Filha da Caridade que não conhecesse o seu espírito se assemelharia a uma pessoa que, não sabendo um ofício, o quisesse executar; procederia de um modo muito diferente ao que devia; tem que o aprender bem antes de o desempenhar.

- Dizeis bem, minha Irmã; se uma religiosa de Santa Maria levasse a vida de uma carmelita, não faria o que Deus pede dela.

Ora bem, Irmã Antonieta, por que razão entendeis vós que as Filhas da Caridade devem saber qual é o seu espírito?

- Meu Pai, é necessário que todas conheçam o seu espírito; se alguma por devoção quisesse viver como uma religiosa desagradaria às suas companheiras e faltaria muito ao serviço dos pobres.

*- Dissestes bem, minha Filha. Se as Filhas da Caridade conhecessem os desígnios de Deus sobre elas, e quanto por esse meio quer ser glorificado, sentir-se-iam felizes na sua condição e julgá-la-iam acima das religiosas. Não é que não devem considerar-se muito inferiores a elas; mas não conheço nenhuma Companhia religiosa mais útil à igreja do que a das Filhas da Caridade, se entrarem bem no seu espírito, pelo serviço que poderão prestar ao próximo, a não ser as religiosas do Hospital geral e as da Praça Real que são Filhas da Caridade e religiosas ao mesmo tempo, porque se aplicam ao serviço dos doentes, todavia com diferença que os servem em sua casa e não tratam senão os que lhes levam, **enquanto vós ides procurá-los a casa deles e assistis aos que morrem sem socorros, por não ousarem pedi-lo. Vós fazeis o que Nosso Senhor fazia. Ele não tinha casa sua, ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia e curava a todos os que encontrava.** Pois bem, isto não mostra bem a grandeza da vocação? E já pensastes bem nisto alguma vez? o quê! Fazer o que um Deus fez no mundo! Não será preciso serem anjos encarnados? Oh! Pedi a Deus a graça de conhecer bem a grandeza da vossa missão e a santidade de vossas ações” (Conf. de 2 de fevereiro de 1653, sobre o Espírito da Companhia, pág. 382 e 383).*

ALGUMAS REFLEXÕES:

“Não ousam pedir socorro...”

Tradicionalmente, dezembro é o mês em que mais se faz apelos à generosidade na França. Esses apelos também são feitos, ao mesmo tempo, por grandes movimentos caritativos e por diversas associações que defendem populações em situações de dificuldade.

Ora esta quantidade de apelos, ainda que sejam justificados e necessários, escondem uma situação paradoxal: cada vez mais existem *“grupos de populações não abarcados pelas estatísticas públicas, pouco visíveis pelos poderes públicos e pouco ou mal assumidos pelas políticas sociais”* como mostrou um recente estudo (junho 2014), do Observatório Nacional da pobreza e da exclusão social.

A Sociedade São Vicente de Paulo que faz parte de um conjunto de 26 associações (confessional ou não), tinha conduzido a luta contra a solidão e obteve do Primeiro-ministro da época, o certificado de

“Grande causa nacional” em 2011. Todos os anos, nas proximidades do dia 27 de setembro a Sociedade continua o seu combate com a campanha nacional: *“Nada de solidão numa França fraterna”*.

Entre esta população de “invisíveis”, o Observatório nacional da pobreza e da exclusão social (ONPES) pôde identificar seis grupos: pessoas sem domicílio estável, abrigados em casa de terceiros; os que saem das Instituições, entre eles os ex-presidiários; o círculo familiar das crianças que vivem em famílias sociais, as pessoas isoladas que sofrem de problemas mentais, os desempregados pobres e os jovens no contexto rural, assim como os novos pobres rurais.

A partir do ponto de vista destas populações, muitos fatores podem explicar a sua “invisibilidade”: não desejam se tornar visíveis - elas não ousam pedir; o isolamento geográfico, social e relacional, distância das instituições, complexidade burocrática dos processos, ruptura de trajetórias e fim dos direitos, medo de ser considerado como “assistidos” enquanto ainda estão insistindo em alguns discursos sobre aqueles que se aproveitam indevidamente do sistema. Mas, também, do lado da ação pública: existe a ausência de vontade política, a inadequação e insuficiência dos documentos estatísticos, a complexidade dos dispositivos sociais.

Voluntários e associações terceirizadas?

Estes “invisíveis” desafiam o nosso contrato social, fundado na solidariedade. Numa situação econômica difícil, de fato é tentador reduzir os meios coletivos consagrados à previdência social e, terceirizar para voluntários e associações, estimulando ao mesmo tempo a caridade privada, especialmente por medidas fiscais. Mas, este abandono da solidariedade institucional para deixar um espaço maior à solidariedade privada, de proximidade desinteressada, fundamentada num compromisso, não estaria favorecendo o *“cada um sua causa”*? E de uma certa forma, agravar assim as desigualdades? Então, o que é que acontece com este público em dificuldade, os menos atraentes, os invisíveis? Não é somente um assunto de despesas públicas, mas também uma mobilização de toda a sociedade. Um equilíbrio deve ser encontrado entre a solidariedade institucional e a solidariedade de proximidade baseada nos compromissos de cidadania.

“Não existindo para ninguém”

Refletir sobre a solidão e combatê-la é sempre um desafio porque a solidão só existe nos outros. Todos nós temos sentimentos de solidão e esta solidão é sempre ambivalente: ela é tanto bênção como maldição, ela é sombra e luz. Ela é noite e dia. Ela é ao mesmo tempo este lugar onde cada um de nós precisa se recolher para existir, no entanto, ela é também esse lugar onde podemos estar feridos, desamparados, abandonados. É o drama de quem sofre a solidão, e de quem não tem ninguém ao redor para percebê-la. Deve-se “sair”, “deixar”, “bater na porta para vê-la”.

Podemos ainda dizer que para nos aproximarmos de uma tal realidade, devemos imediatamente aceitar esta ambiguidade, esta ambivalência. Portanto, devemos todas as vezes nos perguntar: o que é que vai provocar uma boa solidão nas crianças, nos adolescentes, nos adultos, nas pessoas idosas, como dizem muitos psicanalistas? O que é que vai edificar em cada um de nós, esta solidão saudável, para nos recolhermos em nós mesmos, em nosso “quarto de aluguel”, em nossa “capela”? E o contrário de tudo isto, o que é que está do outro lado, do lado negativo da solidão, o lado que nos destrói até mesmo nos deixar como mortos, e experimentar o sentimento trágico de não existir para ninguém”?

As verdadeiras pobreza permanecem escondidas e devem ser descobertas. Muitas vezes elas não estão longe de nós. O bem-aventurado Frederico Ozanam escreveu em maio de 1833, com a idade de 20 anos: *“Vamos aos pobres!”*, este chamado traz em si uma verdadeira atitude teológica, missionária: saindo de nossas casas, atravessando a calçada ou a rua, realizando um simples telefonema, passando debaixo das pontes ou nas favelas, indo às periferias tanto geográficas como existenciais, realizamos assim todos os caminhos da Encarnação de Deus em Jesus Cristo. Tornamo-nos mais semelhantes a Ele, para *“chegar a todos”*.

QUESTÕES

- *“Ireis procurá-los na casa deles”*: Temos o espírito e a vontade de “buscar”? Quais as novas pobreza que descobrimos em seus domicílios?

- Como trabalhamos humana e espiritualmente sobre este problema que é a vergonha sentida, que faz com que não osem pedir ajuda?

Padre Jérôme DELSINNE, CM

A CARTA MAGNA

Província de Fortaleza

Nordeste do Brasil

**Uma Comunidade em movimento
desde 1968 aos dias atuais (continuação)**

PRÁTICA DOS PRINCÍPIOS DA CARTA MAGNA ALGUMAS EXPERIÊNCIAS NO SERVIÇO DOS POBRES

“O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Na sua Encarnação, Jesus se fez um de nós. Desceu aos “porões da humanidade” para que pudéssemos, verdadeiramente, ser filhos de Deus. Fazendo-se humildemente um de nós, Cristo nos revela que a verdadeira libertação acontece de baixo para cima.

Foi com esta espiritualidade da Encarnação que entramos nas ruelas da favela Cidade Aflita para construir relações fraternas e nos ajudar mutuamente no processo da libertação. Precisávamos aprender com os pobres a viver a pobreza, a humildade, a partilha, a solidariedade na precariedade, a ser melhores seres humanos. Em contrapartida colocaríamos à disposição dos moradores da favela tudo o que tínhamos recebido como Filhas da Caridade: a nossa formação prática e teórica.

Antes de fixarmos moradia na favela, fazíamos muitas visitas às famílias que nos olhavam com certa desconfiança. Muitas delas pensavam que éramos enviadas pela Prefeitura da cidade, a serviço do setor social, para a remoção dos casebres. Quando, num certo dia nos deparamos com a guarda municipal encarregada de demolir um dos casebres; já estando prontos para executar a ordem, colocamo-nos a favor da família em questão e, graças a esta intervenção, a ação foi revogada até que houvesse um esclarecimento junto ao órgão responsável. Somente após este fato, os moradores confirmaram que o nosso gesto lhes havia demonstrado de que lado estávamos e que, portanto, agora poderiam confiar em nós. Começava, então, uma nova história de amor e de serviço aos nossos *“Senhores e Mestres”*.

Nossos primeiros passos, então foram conhecer as verdadeiras necessidades das famílias e do lugar. Propomos-lhe criar uma representação jurídica para lhes conferir voz e vez, pois são eles que possuem a verdadeira capacidade de transformar suas realidades. Pela experiência de alguns nas organizações populares foi iniciado o processo de instalação da Associação dos Moradores da Cidade Aflita, através da qual foi possível descobrir as prioridades mais urgentes: educação, saúde e habitação. Todas as decisões eram tomadas democraticamente e a nossa interferência era de estímulo, apoio, solidariedade e participação na formação da consciência religiosa, política e social das pessoas.

Gradativamente os problemas eram resolvidos, por exemplo: construção de um barracão com os restos de uma reforma feita no Colégio da Imaculada Conceição. Nele funcionava, não só a escola para crianças e adultos, (assumida pela Secretaria de Educação do Estado e do Município) como ainda reuniões, encontros de formação, atendimento médico e de primeiros socorros patrocinados pela Secretaria de Saúde e algumas instituições e voluntários leigos. Logo apareceram muitos voluntários e amigos que se uniram a nós e assumiram o Clube de Mães, a catequese Infantil e o grupo de jovens. Uma Associação esportiva e entre outros movimentos que foram criados.

Os membros da Associação trabalharam também outros assuntos:

-a urbanização da favela começando pela limpeza das ruas, sua devida identificação e numeração das casas.

- a reivindicação coletiva da restauração da canalização dos esgotos de um Hospital próximo da favela, que estava a céu aberto e que favorecia a proliferação de pragas e insetos. A coordenação do Hospital reconhecendo a legitimidade da ação construiu canais subterrâneos.

Diante destas diferentes vitórias, os moradores se conscientizaram da importância de estar unido e de sua capacidade de se organizar em vista da luta por seus direitos.

No entanto, outro problema surgiu: o terreno onde estávamos instalados há cinco anos era reservado a uma futura praça da cidade, logo, foi preciso encontrar um outro terreno. Felizmente conhecíamos uma organização alemã, chamada MISEREOR que nos ajudou a comprar o material para a construção de algumas casas, com a condição de que a família locatária fosse a proprietária do terreno. Com a Associação dos moradores começamos a pesquisar terrenos para atender às condições exigidas. Muitas dificuldades se acumulavam e arrefeciam o ânimo na busca de soluções. Algumas famílias da favela conseguiram se mudar para o bairro “Jardim Petrópolis” próximo do centro da cidade onde outras famílias já estavam instaladas em estado de precariedade. Elas se reuniram para organizar e propor o projeto PROJARPE (Projeto Jardim Petrópolis), nome adotado como nova designação deste distrito.

Felizmente, a Província cedeu generosamente à Associação “Cidade dos Aflitos” um terreno que ficava situado na outra extremidade da cidade. Por causa disso apenas dez famílias aceitaram a condição de remoção. Estava iniciada a caminhada para “a terra prometida”. Um novo êxodo se estruturava para essa “pequena parcela do povo de Deus”, que, mesmo no século XX, buscava um novo caminho de libertação, sonhava com um “novo céu e uma nova terra” (cf. Ap 21,1).

Amigos arquitetos forneceram as plantas das novas casas à Associação “Cidade dos Aflitos” que as apresentou à Prefeitura e esta as aprovou. Todas as noites, após o turno de trabalho necessário para o sustento da família, os homens fabricavam os tijolos de cimento do tipo pré-moldados. Durante o dia as mulheres assumiam a tarefa de tirar da forma os tijolos e banhá-los com água para adquirir a consistência necessária. No domingo, todas as famílias se encontravam no terreno, muito embora distante, para

construírem juntas as suas casas. Este trabalho coletivo nos fazia pensar no povo de Deus que se uniu para ultrapassar os obstáculos impostos por uma sociedade injusta. “*A união faz a força*”: sim, é verdade, nós o constatamos nestas famílias que não se deixaram abater pela discriminação e injustiça.

A partir do momento que uma casa oferecesse a estrutura mínima de moradia com portas, janelas, piso morto, telhado e banheiro a família ocupava a nova residência. Assim foram construídas as dez primeiras casas, incluindo a casa das Irmãs.

O empréstimo feito pela Organização MISEROR para a compra do material deveria ser restituído em cinco anos. Para facilitar o reembolso, o valor total da casa foi dividido em pequenas parcelas mensais. Desde que as dez primeiras casas foram reembolsadas, um novo empréstimo foi feito para a construção da segunda série de dez casas. Finalmente quarenta casas foram construídas no terreno doado pela Província.

Durante este longo período de trabalhos realizados em mutirão, foram construídas relações de fraternidade e formávamos uma grande família, a família do povo de Deus que rezava, cantava, trabalhava e celebrava.

No final deste longo projeto de construção, as escrituras das casas seriam entregues às respectivas famílias. No entanto, encontramos aqui um novo problema, pois segundo as leis do país, não era permitido dar um título de propriedade a uma pessoa cuja casa fora construída num terreno pertencente a uma Associação. Para receber a escritura era preciso que o terreno pertencesse às famílias em questão. Então para resolver este problema a Província, proprietária oficial do terreno decidiu doar os lotes do terreno para as respectivas famílias. Assim o projeto atingiu o seu objetivo final: quarenta famílias receberam a escritura de suas casas, tornando-se assim os verdadeiros proprietários, devidamente cadastrados na Prefeitura Municipal. Progressivamente foram construídos um poço profundo de água potável, uma capela dedicada a Nossa Senhora das Graças, uma pracinha e um Centro Comunitário para os encontros e as atividades paroquiais.

Durante os anos de construção das casas o país viveu momentos de grave recessão que atingiu, sobretudo, as famílias de baixa renda. Os moradores do bairro logo se organizaram. As famílias interessadas se reuniram em grupos de dez para comprar as mercadorias de uma cesta básica, num comércio de atacado, o que diminuiu bastante o preço de cada produto.

Uma equipe ficou responsável de fazer a distribuição de acordo com a lista de cada família. As grandes economias, feitas ao longo das semanas, permitiram comprar outros produtos necessários; esta organização durou até quando algumas medidas em favor das famílias mais necessitadas foram tomadas pelo governo.

Vizinho ao nosso terreno, existia uma Lavanderia particular que funcionava à base de lenha, produzindo assim muita fuligem. Ao lado desta havia uma lavanderia pública, que era mais frequentada à noite. Geralmente, no dia seguinte, não somente as redes, os lençóis e roupas estavam sujos como também o rosto das pessoas e, sobretudo das crianças, estavam encobertos de fuligem, isto representava um perigo para a saúde das crianças e um trabalho suplementar para as mães que deveriam lavar novamente as roupas.

Então, as mulheres se reuniram para refletir sobre o problema e decidiram falar com a Direção da Lavanderia para apresentar-lhe uma amostra de roupas manchadas pela fuligem e pedir para que fossem instalados filtros nas chaminés. Após alguns encontros, o problema foi definitivamente resolvido.

Outro exemplo de vitória obtida pelas mulheres foi a coleta de lixo no bairro. As mulheres entraram com várias petições junto às autoridades competentes para que os entulhos e lixos fossem recolhidos, respeitando assim os direitos e a dignidade das pessoas. Após terem ouvido muitas promessas, sem nenhum resultado, elas organizaram uma permanência, em escala de rodízio, diante do órgão responsável pela coleta de lixo até o dia em que foram ouvidas. Através de sua tenacidade, elas finalmente conseguiram fazer com que um caminhão de lixo passasse três vezes por semana para fazer a coleta.

Graças às suas ações realizadas em comum, estas mulheres ajudaram no desenvolvimento do seu bairro, consolidaram os vínculos de fraternidade e permitiram aos seus familiares uma melhor qualidade de vida.

Outro evento importante nessa caminhada foi a inclusão das famílias na Comunidade Eclesial de Base (CEBs) da Arquidiocese de Fortaleza. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) reúnem todos os cristãos de um bairro, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos. Trata-se da “família de Deus” no bairro. A Comunidade Eclesial de Base é um grupo de oração, mas também um grupo de reflexão e de ação comprometida na vida do bairro em todas as suas dimensões. As CEBs se reúnem também todos os meses para oferecer momentos de formação e de intercâmbio de experiências, que promovem uma coerência entre fé e vida, assumindo compromissos no bairro e nos diferentes grupos da Paróquia e da Arquidiocese.

Apresentamos aqui, algumas experiências com os pobres da periferia de Fortaleza, que entre outras, nos marcaram profundamente. Neste processo de crescimento, tivemos que atravessar situações muito difíceis: seca prolongada no interior, alagamentos nas cidades, etc. No entanto, também vivemos momentos de grande alegria: cursos bíblicos, de nutrição e de saúde alternativa, campanhas da fraternidade, mobilizações para assegurar os direitos à saúde, à educação para o trabalho. Não podemos esquecer também dos 25 anos da Província de Fortaleza que celebramos com todas as famílias da favela.

Todos estes acontecimentos nos fizeram crescer em nossa vocação a serviço dos pobres “*nossos Senhores e Mestres*”, fazendo de nossa vida uma eterna ação de graças.

(continua)

Comunidade Êxodo